



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**MARIA DE FÁTIMA FONTOURA ALMEIDA**

**JORNADA INTERNACIONAL  
DE CINEMA DA BAHIA:  
A HISTÓRIA**

Salvador  
2006

**MARIA DE FÁTIMA FONTOURA ALMEIDA**

**JORNADA INTERNACIONAL DE  
CINEMA DA BAHIA:  
A HISTÓRIA**

**Monografia apresentada ao curso de  
Jornalismo, Faculdade de  
Comunicação, Universidade Federal  
da Bahia, como requisito para  
obtenção do diploma em Jornalismo.**

**Orientador: Prof. Umbelino Brasil**

Salvador  
2006

**Para Carol,  
Ser sua mãe me ensinou a amar,  
a ter fé e esperança.**

## **AGRADECIMENTOS**

A Umbelino Brasil, meu orientador, atento, atencioso e de aguçado censo crítico.

A Luís Orlando pela amizade e generosidade com que me acolheu no Setor de Cinema da UFBA.

A Maurício Tavares e ao Colegiado da Faculdade de Comunicação.

A Vera Lúcia de Jesus pela gentileza, presteza e amizade.

A Annamaria Palácios.

A Guido Araújo.

A minha família e meus amigos pelo apoio e suporte.

A Marina minha comadre e amiga de todas as horas.

***“O Tempo e o Progresso  
destruíram a pureza  
daqueles ideais.”***

*(Bob Dylan, no documentário No  
Direction Home, de Martin Scorsese)*

## RESUMO

*Jornada Internacional de Cinema da Bahia – A História* é uma monografia de caráter descritivo documental com ênfase na memória e história do mais antigo festival de cinema da Bahia. O texto traça um paralelo entre o panorama do cinema nacional e a Jornada ao longo de seus 32 anos de existência. Os primeiros anos quando se firmou como festival de resistência nos anos de chumbo da ditadura militar e revelou uma nova geração de cineastas baianos. As dificuldades financeiras com a decadência do cinema nacional nos anos 80, sua retomada nos anos 90 e 2000. O caráter inovador do evento que trouxe à Bahia cineastas e obras que dificilmente seriam exibidas no circuito comercial baiano.

**Palavras-chave:** Cinema; História; Memória; Censura; Resistência; Dificuldades Financeiras; Singularidade; Persistência.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>Introdução</b>	<b>08</b>
<b>2.</b>	<b>A Jornada em Três Fases</b>	<b>11</b>
<b>2.1</b>	<b>O Passar dos Anos</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>A Retomada</b>	<b>17</b>
<b>3.</b>	<b>A Jornada Ano a Ano</b>	<b>19</b>
<b>3.1</b>	<b>A Jornada de 1972 a 1979</b>	<b>19</b>
<b>3.2</b>	<b>A Jornada de 1980 a 1988</b>	<b>35</b>
<b>3.3</b>	<b>A Jornada de 1991 a 1999</b>	<b>59</b>
<b>3.4</b>	<b>A Jornada de 2000 a 2005</b>	<b>82</b>
<b>4.</b>	<b>Observações Finais</b>	<b>99</b>
<b>5.</b>	<b>Apêndice A</b>	<b>102</b>
<b>6.</b>	<b>Bibliografia</b>	<b>106</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Escolher a Jornada Internacional de Cinema da Bahia como tema de meu trabalho de conclusão de curso foi o ponto culminante de um trajeto dentro da Faculdade de Comunicação que me aproximou do cinema e de sua história. Fui aluna da última turma de Guido Araújo antes de sua aposentadoria e ali tomei conhecimento desse festival que entre altos e baixos se estabeleceu no calendário cultural baiano como um evento fiel aos seus princípios e ideais.

Um exame minucioso revela uma bela trajetória de perseverança diante das adversidades e de amor pelo cinema. Contar a história da Jornada é também uma tentativa preservar a memória do cinema baiano.

A trajetória da Jornada Internacional de Cinema da Bahia, com suas 32 edições, confunde-se, em muitos momentos, com a história tanto do cinema baiano, quanto do cinema nacional. Contar sua história é também fazer um relato histórico e historiográfico, pois não há como separar a relação entre cinema e sociedade e, por conseguinte, com a História.

A Jornada Internacional de Cinema da Bahia configura-se como o principal evento cinematográfico do estado. Seja pela longevidade, sejam pelas características do festival que tenta fomentar a produção baiana e dar oportunidade ao público local de ter acesso a produções latinas e da África de língua portuguesa de qualidade, afastando-se do padrão *hollywoodiano* predominante.

A Jornada Internacional de Cinema nasceu em janeiro de 1972 com o nome de I Jornada Baiana de Curta-Metragem sob a organização de Guido Araújo, cineasta e professor da Universidade Federal da Bahia. Ao longo de mais de três décadas de existência a Jornada foi movimento cultural aglutinador e de resistência à ditadura, transformou-se em evento internacional no ano de 1985 e nos dias de

hoje sobrevive como um dos mais antigos e independentes festivais de cinema do Brasil.

A história da Jornada começa em 1967, quando Guido Araújo recém chegado da Tchecoslováquia foi convidado pela Universidade Federal da Bahia para criar algo na área de cinema. Naquela época a universidade contava apenas com um departamento cultural. Juntamente com o cineasta Walter da Silveira, no início de 1968, Guido Araújo criou o chamado Grupo Experimental de Cinema.

O Grupo Experimental de Cinema era basicamente um curso livre de cinema. Walter da Silveira ministrava as aulas teóricas e históricas e Guido Araújo era o responsável pelas práticas. Num ano como o de 1968, marcado por movimentos de luta por direitos humanos e civis, o Grupo despertou grande interesse.

Com o advento do Grupo Experimental de Cinema inaugurou-se um cine-clube na Reitoria da UFBA, então sob comando de Roberto Santos. As exposições aconteciam aos sábados e contava com a presença de 600 a 700 pessoas. Com a ajuda do ICBA, que emprestava os projetores, Araújo e Silveira providenciavam o filme e distribuíam folhetos informativos com a análise crítica das obras. Isso aconteceu durante todo o ano de 1968, em dezembro, porém, ocorreu o AI-5 e as atividades foram suspensas.

A próxima iniciativa da dupla em direção à Jornada foi, em 1969, a criação de uma retrospectiva de dez anos do cinema baiano de longa metragem. No ano seguinte Walter da Silveira faleceu. Já em 1971, a convite da diretora da Biblioteca Central dos Barris, Araújo ministrava um curso e exibia clássicos do cinema no auditório. Com o término do curso, a professora Adalgisa Aragão, primeira diretora da Biblioteca Central dos Barris, propôs ao cineasta que continuasse com as exposições.

Influenciado por pessoas que haviam pertencido à última diretoria do Clube de Cinema, como Ronilda Noblat e Ney Negrão, Araújo reativou o Clube criado por Walter da Silveira em 1950, um dos mais antigos do Brasil. Na Bahia, existiam dois grandes exibidores: Francisco

Pitton e Calumbi. Junto a Calumbi, trabalhava Adálio Valverde, que era seu sócio. Conversando com eles, surgiu a oportunidade de Guido Araújo utilizar o Cine Rio Vermelho, às sextas-feiras, para as sessões do Clube de Cinema. Isso ocorreu em 1971 e foi um sucesso.

Nesse período, numa viagem ao Rio de Janeiro Guido foi apresentado a Roland Schaffner, cuja vinda para a Bahia, com a finalidade de dirigir o Instituto Cultural Brasil Alemanha (ICBA) local, já estava planejada. O alemão queria duas coisas: conhecer Araújo e trazer a mostra de dez anos do Festival de Obenhausen para a Bahia.

A mostra foi trazida e apresentada no Cine Rio Vermelho. Juntando a retrospectiva de dez anos de filmes baianos de longa metragem em 1969 com essa mostra, sedimentou-se a idéia de criar a Jornada.

Em janeiro de 1972, Guido Araújo realizou a I Jornada Baiana de Cinema. Era um momento difícil politicamente no país e o evento foi modesto por conta dos poucos recursos. Por outro lado, foi positivo ao unir as pessoas que estavam querendo fazer cinema por aqui. A maior parte da Jornada foi realizada na Biblioteca Central dos Barris e alguma coisa feita no ICBA.

Assim nascia a atual Jornada Internacional de Cinema. No ano seguinte tornou-se Jornada Nordestina, em sua terceira edição, o festival passou a receber trabalhos de todo o país, transformando-se na Jornada Brasileira de Curta Metragem.

Em 1985, quatorze edições depois, o evento, então exclusivo para o curta-metragem, muda de nome e passa a ser a Jornada Internacional de Cinema da Bahia. O festival passou a receber trabalhos em película e vídeo, vindos de todo o Brasil e de alguns países latino-americanos. Nos anos 90, a Jornada começou a apresentar filmes advindos da África de língua portuguesa.

## **2. A JORNADA EM TRÊS FASES**

Ao longo de três décadas a Jornada Internacional de Cinema passou por diversos momentos. Nasceu sob uma severa ditadura militar, atravessou a redemocratização do país e sua Nova República e nos dias de hoje tenta enquadrar-se em um mundo globalizado, onde a informação circula rapidamente e a produção cinematográfica, com o advento da internet, passou a ser mais acessível.

Por conta de sua longevidade a Jornada pode ser dividida em três fases distintas:

### **1ª Fase: EFERVESCÊNCIA**

A primeira fase da Jornada vai de 1972, ano de seu nascimento quando o país estava mergulhado em uma ditadura militar, até 1985, ano em que se tornou um evento de âmbito internacional e o Brasil vivia a redemocratização, com o fim da ditadura militar e o início da chamada Nova República.

Quatro anos antes de Guido Araújo organizar sua primeira Jornada era decretado no Brasil o Ato Institucional nº. 5. O AI-5 foi decretado pelo então presidente Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968. O ato veio fortalecer a linha dura que os militares empregavam no poder e deu a eles poderes absolutos na restrição e desrespeito às liberdades individuais e cuja maior consequência foi o fechamento do Congresso Nacional por quase um ano.

Torturas e assassinatos foram cometidos em escala. Os brasileiros ficaram proibidos de se reunir nas ruas, as conversas de esquinas eram reprimidas com violência, as manifestações de qualquer ordem foram banidas, nas escolas começaram as *patrulhas ideológicas*, com elas, o confronto e a violência.

No início dos anos 70, o Brasil vivia uma fase de maior delineamento cultural do Estado, que tinha seus fundamentos na

gestão do ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho e, posteriormente, concretizou-se na Política Nacional de Cultura (PND). Também era um período de luta entre grupos de concepções antagônicas ( Cinema Novo X Pró INC). O Instituto Nacional de Cultura, INC, não era um órgão neutro e sua proposta era a de centralizar a administração do desenvolvimento cinematográfico, criar normas e recursos e respeitar uma política liberal para a importação de filmes.<sup>1</sup>

O Estado delegava o comando do processo cinematográfico nesses anos aos que mais se aproximavam ideologicamente da nova ordem política.

Foi nesse cenário que nasceu a modesta Jornada Baiana de Curta-Metragem. A Jornada aconteceu em janeiro, na semana da festa do Bonfim e ficou restrita à Bahia. No ano seguinte, a Jornada tornou-se nordestina e mudou de janeiro para setembro. A partir daí e até o fim da ditadura militar no Brasil, a Jornada foi um festival de resistência e de luta, seja pelo cinema nacional, seja pela liberdade de expressão.

Alguns fatores favoreceram a Jornada a obter status de festival de resistência. Um deles é o fato de ser o terceiro mais antigo festival de cinema do país, atrás apenas de Gramado e Brasília (que durante o período ditatorial ficou suspenso). Carentes de eventos culturais em virtude da ditadura arbitrária, cineastas e intelectuais ligados ao cinema urgiam por um espaço em que pudessem exhibir e debater seu trabalho. Naqueles primeiros anos, a Jornada funcionava também como incentivadora.

Outro aspecto importante foi a parceria firmada já no último dia da primeira edição do festival entre Guido Araújo, Cosme Alves Neto e Roland Schaffner. Cosme Alves Neto era o diretor da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio e mantinha contatos com cineastas e produtores do mundo todo, através desses contatos Guido pôde trazer para seu festival filmes que dificilmente seriam exibidos em qualquer outro evento. Um bom exemplo foram os filmes do cubano Santiago

---

<sup>1</sup> RAMOS, José Mario Ortiz. Cinema, Estado e Lutas Culturais: anos 50, 60,70. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Alvarez que a Jornada apresentava mesmo antes de o Brasil reatar relações diplomáticas com Cuba, o que aconteceu somente em 1986. Roland Schaffner naquela época se tornou diretor do Instituto Goethe, o Icba, e ao longo dos anos 70, o transformou em um pólo aglutinador das artes na Bahia, marcando seu nome na história da cultura baiana.

Guido sonhava com “um oásis em que se discutiam assuntos considerados tabus e onde o objetivo do filme cultural era analisado e repensado”<sup>2</sup> e ao obter o apoio de Cosme e Schaffner para viabilizar seu projeto, vislumbrou que a Jornada poderia ser exequível e realmente viável.

O ICBA era um espaço que pertencia aos alemães e isso inspirava respeito e cerimônia nos agentes da ditadura. Alguns filmes, que eram exibidos livremente na Jornada, quando apresentados em outros festivais sofriam a intervenção da censura. Grande parte dessa tolerância da censura deve-se ao espaço ocupado pela Jornada a partir de seu segundo ano.

A tolerância por parte da Censura, no entanto, tinha limites e medidas. Apesar de desfrutar de um espaço considerado neutro já em sua segunda edição, a censura vetou a exibição do filme **Viva o Cinema**, de Fernando Bélens e exigiu cortes em **Espaços Vazios**, de Ailton Sampaio. E com o passar dos anos outros filmes sofreram intervenção da censura, embora todas elas ocorressem sob veementes protestos tanto por parte dos cineastas, quanto por parte da coordenação do festival.

A Jornada não se limitava a exibir filmes, ela levantava discussões, debatia temas referentes à cultura nacional e dava espaço para que se organizassem entidades e associações ligadas ao metiêr. Como foi a criação, dentro do festival, da Associação Brasileira de Documentaristas. Outro debate que se iniciou na Jornada e rendeu frutos ao cinema brasileiro foi a aprovação da lei de obrigatoriedade de exibição dos curtas-metragens nos cinemas. Também os cineclubistas

---

<sup>2</sup> Jornal da Jornada apud Guido Araújo, 2003.

desbaratados pela ditadura puderam planejar novos rumos para seus trabalhos.

## **2.1 O PASSAR DOS ANOS**

Os anos 70 viram nascer o ‘boom’ superoitista e, com ele, uma nova geração de cineastas, como Edgard Navarro, Fernando Bélens, Póla Ribeiro, Joel de Almeida, José Araripe Jr., entre outros. As discussões eram acaloradas no cine-teatro do Icba, transformando-se, algumas vezes, em verdadeiros ‘happenings’. Fernando Cony Campos bradava em alto e bom som suas diatribes bem construídas com humor e anarquia. E anarquia maior fazia Edgard Navarro, que, certa ocasião, para protestar, tirou a roupa e nu, com a mão no bolso, provocou frenesi numa inesquecível noite da Jornada<sup>3</sup>.

Com o passar do tempo, no entanto, a abertura democrática, a descentralização dos espaços e o surgimento de outros festivais curta-metragistas espalhados pelo país, a Jornada perdeu a sua exclusividade, quando reinava, absoluta - pela, como já se disse, sua característica consular - na ditadura como foco de resistência. Se de Baiana passou logo a Nordestina e mais rápida ainda a ter uma dimensão nacional, por outro lado esperou mais de uma década para se tornar Internacional, em 1985.

## **2ª Fase: DESAQUECIMENTO e CRISE**

*“O Tempo e o Progresso destruíram a pureza daqueles ideais.”*

*(Bob Dylan no documentário No  
Direction Home, de Martin Scorsece)*

O privilégio da democracia, o pluralismo, o esvaziamento das discussões políticas, junto ao advento de outros festivais fizeram com

---

<sup>3</sup> SETARO, André. Jornadas Baianas Primórdio e Ascendência. Do site [www.brazilianfilmfestival.com/tributo\\_bahia](http://www.brazilianfilmfestival.com/tributo_bahia), 2003 .

que a Jornada iniciasse, a partir de 1985, um período de decadência que teve seu ápice em 1989 e 1990 quando não se realizou por falta de recursos e que se caracteriza como a segunda fase do festival.

Nos últimos anos da ditadura militar, no governo do presidente João Figueiredo ocorreu um reordenamento da política cultural no país e com um mix de temas surgidos nas telas aconteceu um recuo do Estado em relação ao cinema. Em meio a rumores de falência da Embrafilme, saí de cena a discussão em torno de uma “identidade nacional”, da defesa de uma “cultura brasileira” para entrar em cena projetos rentáveis comercialmente, como ***Dona Flor e Menino do Rio***, dois produtos de Luis Carlos Barreto. <sup>4</sup>

O fechamento da Embrafilme, em 1991, no governo Collor, desarrumou a já frágil política cinematográfica brasileira e o cinema nacional sofreu um revés com a produção de filmes tendo uma queda vertiginosa. A decadência da produção brasileira atingiu a Jornada que penava para se realizar pela falta de patrocínios e de uma política cultural estabelecida.

Dois fatores externos contribuíram tanto para as dificuldades financeiras da Jornada, quanto para a diminuição de seu público. O fim da censura e a decadência do cinema nacional após a extinção da Embrafilme, no governo do presidente Collor.

A produção nacional entre os últimos anos da década de oitenta e os primeiros da década de 1990 atingiu seu nível mais baixo. Em 1991, apenas 12 longas-metragens estavam em fase de produção no país e os filmes pornográficos no final dos anos oitenta eram os responsáveis pelas maiores bilheterias nacionais. Também o número de salas sofreu uma drástica redução caindo de 3.276 em 1975 para menos de 1.100 em 1988. <sup>5</sup>

A severa crise em que mergulhou o cinema nacional refletia também uma crise econômica pela qual o Brasil atravessava. Foi a crise

---

<sup>4</sup> RAMOS, José Mario Ortiz. Cinema, Estado e Lutas Culturais: anos 50, 60,70. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

<sup>5</sup> Fonte: Concine.

econômica que, ao impor restrições às importações, elevou os custos das produções. Enquanto isso o mercado encolhia, com salas de exibição sendo fechadas e o preço dos ingressos permanecendo sob o controle do governo e não acompanhando o ritmo frenético da inflação. O que reduziu ainda mais a receita da indústria cinematográfica.

O paternalismo com que o Estado sempre tratou o cinema nacional é hoje apontado como uma das razões da fase de penúria que atravessou a indústria a partir do governo Collor. Porém, muitos estudiosos do assunto apontam que os subsídios estatais, na verdade, suspendiam as leis de mercado. Visto que os filmes nacionais deixavam de competir com produções estrangeiras para competir entre si na reserva de mercado.

Com o Estado, através da Embrafilme, como a principal fonte de financiamento das produções muitas vezes um cineasta recebia o subsídio mais por conta de seu prestígio e contatos políticos do que propriamente por seu talento e qualidade da obra.

Esse cenário de crise afetou diretamente a Jornada. Já em 1986, sua 15ª edição, os dois principais prêmios, o Glauber Rocha para a categoria filme e o Walter da Silveira para vídeo, ambos oferecidos pelo Governo do Estado, não foram ofertados por falta de verba da secretaria de Cultura.

Houve também uma diminuição das produções nacionais no evento e um conseqüente aumento das produções latino americanas e da África portuguesa. Para compensar a penúria da indústria cinematográfica nacional, o festival se internacionalizou. Houve um incremento de mostras e homenagens a cineastas latinos, ibéricos e africanos, além de grandes nomes do cinema mundial (ver apêndice pág. 102).

O que se via na Jornada naqueles anos eram mostras de filmes chilenos, cubanos, argentinos, filmes oriundos de festivais europeus como o de Lille, na França, e o de Oberhausen, na Alemanha, homenagens a grandes nomes da sétima arte como Joris Ivens, Santiago Alvarez, Fernando Solanas.

A Jornada buscava alternativas para existir. Guido Araújo, um professor, oriundo da academia e dono de contatos com grandes figuras do cinema cultural, na ausência de grandes produções e com pouca verba tornou o festival um evento bastante didático. Palestras, discussões e mesas redondas com personalidades e intelectuais da área foram se tornando o ponto chave da programação.

O excesso de didatismo afastou o grande público da Jornada. A Jornada nunca foi um evento que atraísse celebridades. E Guido sempre admirou essa característica de seu festival. “Não é uma festa, não há noitadas insones ou estrelas a bronzear os corpos em passeios de saveiros” <sup>6</sup>. Numa época em que o cinema brasileiro penava para existir e que as novelas da TV Globo dominavam a dramaturgia nacional um festival sem estrelas globais pouco interesse despertava no grande público. O evento ficou restrito a pessoas do metiêr.

## **2.2 A RETOMADA**

A retomada das produções nacionais se deu na metade da década de 1990. **Carlota Joaquina**, de Carla Camuratti, uma produção de 1995 é o marco representativo do renascimento do cinema nacional. Além do filme de Camuratti, **O Quatrilho**, de Fábio Barreto, que ganhou uma indicação ao Oscar e **Jenipapo**, de Monique Gardenberg, eram exemplos da nova safra de filmes que começaram a pipocar no Brasil.

A lei do Audiovisual, de 20 de julho de 1993, foi uma das responsáveis pela retomada do cinema no Brasil pois permitia que empresas privadas patrocinassem produções e ainda obtivessem lucros com esse investimento.

---

<sup>6</sup> CARRILHO, Arnaldo. Saudação à Jornada. Revista Comemorativa dos 25 anos da Jornada, Salvador, setembro, 1998.

### **3ª Fase: MATURIDADE**

Para a Jornada, a retomada do cinema brasileiro foi um sopro de esperança. Mil novecentos e noventa e cinco é ano que ficou marcado como o ano do renascimento do cinema nacional e o ano de início da terceira fase da Jornada. Fase que caracteriza a cristalização do festival como um evento afastado do *mainstream*.

A Jornada, então com 22 edições, já estava estabelecida como um evento que privilegia o cinema independente, o filme cultural, o documentário e que é espaço para discussões sobre os caminhos do cinema no Brasil e no mundo. A Jornada mantém-se fiel ao seu lema Por Um Mundo Mais Humano tanto na seleção de filmes para sua mostra competitiva quanto em seus temas, homenagens e tópicos de discussões.

No quesito financiamento, porém, a Jornada ainda penava para realizar-se mesmo após alcançar a maioria. Guido Araújo ainda não tinha um patrocínio que pudesse “levantar” o festival, contava com o suporte da UFBA, do Governo da Bahia e de pequenas entidades que apoiavam como alguns hotéis, restaurantes e publicações sobre cinema.

Ano após ano, Guido Araújo lutava para realizar sua Jornada e torná-la um evento atraente para o grande público. O patrocínio veio apenas em 2004 quando a Jornada entrou para o programa Petrobras Cultural, que financia produções, festivais de cinema e programas de formação de público.

Em mais recente edição, a trigésima segunda, em setembro de 2005, com o patrocínio da Petrobras e o apoio do Ministério da Cultura através da Secretaria de Audiovisual, da UFBA, do Governo da Bahia, da Fundação Cultural e do Instituto Goeth da Bahia, o ICBA, a Jornada celebrou a retomada da produção cinematográfica na Bahia e levantou a temática das produções dos povos indígenas da América do Sul.

Longe das manchetes dos cadernos de cultura dos jornais, distanciada do grande público, a Jornada continua a ser um festival de

cinema importante seja por sua história, seja por sua constância e lealdade aos ideais sob os quais está assentada.

### **3. A JORNADA ANO A ANO**

#### **3.1 A JORNADA DE 1972 A 1979**

##### I Jornada Baiana de Curta-Metragem 1972

A primeira edição da Jornada aconteceu no ano de 1972, época em que vigorava uma ditadura militar rígida e um clima de medo e principalmente de mordação após o AI-5 em 1968. Em pleno mês de janeiro, de 13 a 16, e junto com as tradicionais festas baianas e concorrendo com as belezas naturais do verão de Salvador, aconteceu a I Jornada Baiana de Curta-Metragem. Definida por seu criador Guido Araújo como “um evento que se pretendia sério e voltado para uma discussão reflexiva sobre o momento do cinema baiano” <sup>7</sup>.

A Jornada foi criada com o objetivo de lutar pela eliminação dos obsoletos “*jornais da tela*” e substituí-los por curtas-metragens independentes. Os filmes inscritos eram em Super-8 ou 16mm., com duração máxima de 30 minutos. A exigência era de que fossem de produção baiana ou sobre temas baianos.

Apesar do regulamento do evento permitir não houve nenhum filme em Super-8 inscrito, fato que, segundo Guido Araújo, “deveu-se à falta de estímulo para a criação cinematográfica” <sup>8</sup>. A programação daquela primeira Jornada contou com uma Mostra Informativa em 35 e 16 mm. e com curtas produzidos em vários estados.

Na Mostra Competitiva seis filmes estavam inscritos:

---

<sup>7</sup> Catálogo Comemorativo dos 25 anos da Jornada Internacional de Cinema da Bahia. P.3. 1998

<sup>8</sup> Entrevista de Guido Araújo ao Jornal da Bahia, ed. 16/01/1972.

- **Caminhos**, de José Mário Costa Pinto e Aldo Prado. Documentário, 16mm., 12 minutos.
- **Candomblé**, de Leão Rozemberg. Documentário, 16 mm., 10 minutos.
- **Ementário**, do Grupo Trabalho, orientado por Chico Liberato. Experimental, 16mm., 30 minutos.
- **Por Que?**, De José Carlos Menezes. Ficção, 16mm., 6minutos.
- **Vila São Francisco do Conde**, de Vito Diniz. Documentário, 16mm., 12 minutos.
- **Vôo Interrompido**, de José Umberto. Tragédia social, 16 mm., 12 minutos.

O Júri durante o anúncio da premiação divulgou uma nota em que decidia “não levar em conta o caráter classificatório da competição (...) objetivando incentivar os realizadores e levando em conta as dificuldades materiais e técnicas que tiveram para realizar seus filmes, decidiu dar a premiação obedecendo a ordem alfabética”.

Na I edição da Jornada aconteceu o *Simpósio sobre o Curta-Metragem*, onde foi discutida a problemática do filme de curta duração na Bahia e no Brasil. Os participantes, entre eles, André Setaro, Cosme Alves Neto, José Umberto, Fernando Cony Campos, redigiram um documento em que faziam uma série de reivindicações. Entre elas, maior incentivo ao cinema. Reivindicação esta que seria repetida durante muitas outras edições da Jornada.

Apesar das dificuldades e do clima atraente para o lazer, a primeira edição da Jornada foi considerada um êxito. Ao seu término, Cosme Alves Neto, dirigente da Cinemateca do MAM do Rio de Janeiro, colocou à disposição da Jornada toda infra-estrutura e contatos cinematográficos da entidade. E, Roland Schaffner, diretor do Instituto Goethe de Salvador, ofereceu as dependências do ICBA para sediar as futuras Jornadas.

Os idealizadores da I Jornada, desde já, previram que esse seria um festival de luta e afirmação do cinema brasileiro e também um evento que teria como característica básica a independência cultural.

## II Jornada Nordestina de Curta Metragem 1973

O êxito obtido na primeira edição somado às pretensões dos organizadores de transformarem o evento em um “encontro de trabalho em favor do cinema de curta-metragem”<sup>9</sup> ajudaram na ampliação do espectro do festival. Transformada em Jornada Nordestina a segunda edição aconteceu de 9 a 15 de setembro (mês que ficou para sempre inserido no calendário do festival) de 1973 no Instituto Goethe da Bahia (ICBA).

Estiveram reunidos em Salvador representantes de cine-clubes e cinemas de arte do Brasil, a exemplo do que aconteceu na primeira edição, não apenas para apresentação de filmes mas também para discussão dos problemas do cinema nacional. Já naquela época os cineastas reclamavam dos problemas de exibição dos filmes no circuito cinematográfico brasileiro.

Além da mudança no nome e amplitude do evento, os organizadores fizeram alterações em seu regulamento. Entre eles, “o alargamento do âmbito de participação, admitindo-se filmes feitos no Nordeste, ou de temática nordestina; o aumento de eventos paralelos e de mostras informativas; a concessão de um número maior de prêmios e o pagamento de um aluguel aos filmes selecionados”<sup>10</sup>.

Entre as atividades paralelas da Jornada, o *Simpósio sobre o Mercado de Filme de Curta-Metragem* que tratou do mercado paralelo de exibição, da estruturação nacional dos cineclubes e do filme em Super-8. Os participantes discutiram e cobraram uma estrutura de distribuição de filmes brasileiros aos cineclubistas e cinemas de arte.

Os filmes em Super-8 apresentados foram considerados defeituosos devido à insuficiência técnica e os participantes sugeriram o aumento da circulação de filmes nesse formato, a apresentação desses em galerias de arte e na TV e à proteção do formato através de uma legislação formal. Também com o objetivo de fortalecer o formato Super-

---

<sup>9</sup> TAVARES, Braulio. O curta-metragem brasileiro e as Jornadas de Salvador. Salvador (s.n.), 1978.

<sup>10</sup> Id. Ibid, p.15

8 criou-se a Associação Brasileira de Documentarista (ABD), primeira entidade representativa dos cineastas brasileiros.

## **FILMES**

Trinta e um filmes participaram da II Jornada (na primeira havia apenas seis). O Super-8 baiano de Fernando Bélens, **Viva o Cinema**, teve sua exibição proibida pela Censura Federal, enquanto **Espaço Vazio**, de Ailton Sampaio, também em formato Super-8 e também baiano sofreu um corte para que sua exibição fosse autorizada.

O Júri, presidido por Alex Viany, premiou **Lua Diana**, de Mário Cravo Neto, com o prêmio da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; **A Missa do Vaqueiro**, de Hugo Caldas, recebeu pela sonorização e montagem. **Migrantes**, de João Batista de Andrade levou o prêmio oferecido pela Universidade Federal da Bahia; **Major Cosme de Farias, último deus da mitologia baiana**, de Tuna Espinheira foi agraciado com o prêmio Walter da Silveira, oferecido pela Associação Baiana de Imprensa. Prêmio INC e o troféu Humberto Mauro (o mais importante do festival) foram para **Incelência para um trem de ferro**, de Vladimir Carvalho; **O Mundo Mágico de Mr Kristophores**, de Carlos Gaudenzi e **Magarefe**, de Vito Diniz também receberam o Prêmio INC.

Foram concedidos dois prêmios especiais. O primeiro, oferecido pela Bahiatursa, foi para **Moirama**, de Luiz Gonzaga e o do Museu da Imagem e do Som de São Paulo para o filme que apresentasse melhor conteúdo histórico e sociológico foi recebido por Ronaldo Duarte pelo seu **A Terra do Samba de Roda**.

## **ABD**

A II Jornada Nordestina de Curta-Metragem teve como mérito histórico a criação da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD). Também foi importante o impulso dado ao movimento cineclubista do Nordeste e o estímulo à produção cinematográfica, caso da Bahia que pulou de seis filmes na primeira edição para 16 na segunda e

Pernambuco, que compareceu com um número significativo de filmes em Super-8.

### III Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1974

Em sua terceira edição a Jornada tornou-se nacional e não pôs restrições às temáticas dos filmes. Segundo o regulamento, a Jornada tinha apenas a intenção de “selecionar, favorecer e divulgar os melhores filmes de curta-metragem da nova produção nacional, dentro de uma visão temática do homem no meio ambiente”<sup>11</sup>.

Enquanto a I Jornada Baiana inaugurou um tipo de evento que objetivava estimular o curta-metragem, a II Jornada, tornada Nordeste, tentou fundamentar e incentivar o cinema da época, criando a Associação Brasileira de Documentaristas e organizando o movimento cineclubista. Em sua terceira edição, o festival durante seus simpósios e discussões deu início a um processo de autocrítica, tanto por realizadores como por participantes.

Na III Jornada, a despeito do fervor inicial, participantes e organizadores constataram que a Jornada em si não seria capaz de impulsionar o trabalho das entidades, além disso, começou-se a questionar o que havia sido feito na prática das propostas saídas dos Encontros e Simpósios. Pelo lado do público, alguns dos filmes da mostra mereceram restrições. Segundo o jornal Tribuna da Bahia (16/9/1974), os filmes exibidos na mostra competitiva foram considerados por grande parte dos cineastas presentes como de qualidade duvidosa e temática superficial.<sup>12</sup>

Realizada de 9 a 14 setembro de 1974, a Jornada contou com a mostra de filmes, a premiação, o encontro da Federação Norte-Nordeste de Cineclubes e os simpósios. Estes foram divididos em três grupos de trabalho sob os seguintes temas: *A ABD e a Problemática do Curta-*

---

<sup>11</sup> Id. Ibid., apud Regulamento da III Jornada Brasileira de Curta-Metragem, 1974.

<sup>12</sup> Id, ibid,p. 43.

*Metragem, Métodos de Documentação Cinematográfica e Mercado da TV para o Curta-Metragem.*

O primeiro grupo de trabalho fez um balanço do primeiro ano da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) e os projetos futuros da organização. Também fez parte deste grupo de trabalho a discussão sobre o desenvolvimento do cineclubismo no Brasil.

Sob a coordenação de Paulo Emílio Salles Gomes e Guido Araújo, o grupo de trabalho dos *Métodos de Documentação Cinematográfica* tratou da temática dos documentários no cenário Brasileiro de 1974 e da formação do documentarista. No final das discussões, sugeriu-se “a necessidade dos documentaristas se aprofundarem mais nos temas abordados (...) e romperem a atitude contemplativa e superficial que caracteriza a maior parte dos documentaristas brasileiros”<sup>13</sup>.

O terceiro grupo de trabalho integrante dos simpósios da III Jornada, *Mercado da TV para o Curta-Metragem* fez críticas à falta de espaço na grade de programação das emissoras para as produções nacionais. A exceção ficou por conta da TV Globo que exibia documentários através do programa *Globo Repórter*.

Paralelo às discussões ocorridas no Simpósio, aconteceu o Encontro da Federação Norte-Nordeste de Cineclubes. Estimulados pela retomada das atividades durante a Jornada anterior e pela realização da VII Jornada Nacional de Cineclubes, em Curitiba, os cineclubistas se reuniram para propor uma reestruturação de suas atividades na entidade.

A mostra de filmes também cresceu em relação à Jornada anterior. Foram apresentados 67 filmes contra 31 da Jornada anterior. Durante a mostra ocorreu um fato curioso: a pedido da própria entidade patrocinadora o filme ***Comunidade do Maciel – Há uma Gota de Sangue em Cada Poema***, de Tuna Espinheira, foi interditado pela Censura.

---

<sup>13</sup> Id. Ibid., apud III Jornada Brasileira de Curta-Metragem, 1974. p.32

## PREMIAÇÃO

O júri da III Jornada, presidido por Francisco Luiz de Almeida Salles, premiou os seguintes trabalhos: em 35mm., o filme **Vila Boa de Goiás**, de Vladimir Carvalho, do Distrito Federal, que recebeu o troféu Humberto Mauro e o Prêmio INC. Também no formato 35mm., prêmio INC para **Herói Póstumo da Província**, de Rudá Andrade (SP) e para **O que eu vi, o que nós veremos**, de Eduardo Escorel (GB)<sup>14</sup>. **O curso do poeta**, de Jorge Laclete (GB) ganhou o Prêmio Bahiatursa e a menção honrosa foi para **Dona Julieta**, de Ary Alves Pereira (SP).

A premiação para os filmes em 16mm. seguiu a seguinte ordem: Prêmio Universidade Federal da Bahia para **O Boca do Inferno**, de Agnaldo Siri Alves (BA); Prêmio INC para **A Morte do Vaqueiro**, de José Carlos Capinam (BA) e José Carlos Avelar (GB). Prêmio Cinemateca do MAM (sonorização) para **Inês de Castro**, dos alunos do Colégio Equipe. Prêmio Nova Jerusalém para **Moçambique**, de Plácido Campos Jr (SP). E a menção honrosa ficou com **Caipora**, de Chico Liberato (BA).

Em Super-8 os vencedores foram **Valente é o galo**, de Fernando Spencer (PE) que ficou com o Prêmio Fundação Cultural do Estado da Bahia. O Prêmio Walter da Silveira foi para **O Jegue na Paisagem Nordestina**, de Lindinalva Oliveira e **Experiência I**, de Fernando Bélens (BA) recebeu o Prêmio Fotoptica. A menção honrosa foi para **Etérito**, de Antônio M. Fernandes (BA).

### IV Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1975

A IV Jornada Brasileira de Curta-Metragem trouxe mudanças em sua organização, novos questionamentos, boas polêmicas e grande

---

<sup>14</sup> GB era a sigla do então Estado da Guanabara, hoje RJ de Rio de Janeiro

interferência da Censura Federal, o que gerou um protesto unânime dos participantes.

A principal mudança na organização da Jornada foi seu desmembramento em duas fases. A primeira, denominada de Pré-Jornada, foi local e aconteceu de 2 a 6 de setembro, onde os filmes inscritos foram submetidos a uma Comissão de Seleção. Na segunda fase, nacional, de 8 a 14 de setembro, foram realizados os debates e exposições segundo o modelo dos anos anteriores.

Com a Comissão de Seleção ficou a incumbência de escolher os filmes que concorreriam efetivamente na mostra. Os escolhidos a concorrer receberiam um 'aluguel-prêmio' a ser distribuído equitativamente, e a três deles seriam conferidos os troféus destinados aos melhores nos três formatos – Super8, 16mm., 35mm. Mesmo os filmes não selecionados teriam direito à exibição ao público, bem como o direito de concorrer a prêmios não oficiais.

Outra mudança na quarta edição da Jornada foi a exibição de alguns filmes e a realização de debates durante dois dias na cidade de Feira de Santana.

Dentre os debates o tema mais discutido foi a descentralização da produção cinematográfica. Os participantes da IV Jornada constataram que o país já dispunha de instrumentos para a instalação de pólos de cinema em diferentes regiões, não somente no eixo Rio-São Paulo. Durante o evento, o então governador baiano Roberto Santos fez uma proposta de convênio para a produção de filmes, no qual 30% do valor total seria destinado a curtas-metragens. Outra proposta do governador foi estabelecer que em casos de filmes de longa metragem realizados no Estado, 30% da mão de obra deveria ser local.

A grande polêmica da IV Jornada foi a que opôs os realizadores de Super8, 16mm. e 35mm. Os superoitistas consideraram uma atitude preconceituosa dos organizadores do evento classificar o filme pela bitola e não por sua qualidade estética. De outro lado, os organizadores viam os realizadores de filmes em Super8 como cineastas amadores e tinham em mente estimular os profissionais do formato 16 e 35mm.

Numa entrevista concedida ao Diário do Paraná, Guido Araújo explicou a atitude adotada pela Jornada:

“Os que fazem 16 e 35 mm. são na maioria profissionais, vivem de cinema; enquanto quem faz Super8 faz porque naturalmente gosta de cinema, mas não tem isso como seu meio de vida (...) O que eu acho importante para aquele que faz Super8 é mostrarmos filmes (...) neste caso a Jornada oferece uma possibilidade muito grande, pois além de mostrar, sem qualquer discriminação, o filme Super8, dá a possibilidade de se fazer apresentações destes filmes por todo o Brasil. (...)”  
(Entrevista concedida ao Diário do Paraná por Guido Araújo)

A polêmica do Super8 ficou parcialmente resolvida na Jornada seguinte, quando as sessões passaram a exibir filmes de todos os formatos indistintamente, e em seu programa a Jornada deixou de informar o tipo de bitola usado na feitura do filme.

## **FILMES**

Os filmes exibidos no festival sofreram forte interferência da Censura. Quatro filmes foram impedidos de serem exibidos: **Restos**, de João Batista de Andrade (SP); **Veias Abertas**, de Luiz Arnaldo Dias Campos (RJ); **Tarumã**, de Aloysio Raulino (SP) e **A Conversa**, de Paulo Roberto Ribeiro, Francisco Maia, José Alberto e Pedro Braga Souto Maior (BA).

**Pedro Piedra**, de Chico Liberato (BA) e **Tomadas no lixo**, de Albert Hemsí e Giselle Gubernikoff (SP) só puderam ser exibidos com cortes. Porém, os realizadores de **Tomadas no lixo** não autorizaram os cortes e o filme acabou não sendo exibido.

Os cineastas redigiram um documento que contou com 50 assinaturas à direção da Jornada repudiando a ação da Censura e afirmando o desejo de ver seus trabalhos exibidos:

“No momento em que tantas vozes se levantam e buscam a união para defender o Cinema Brasileiro (...) deixamos a vosso critério encaminhar, ou não, um voto de protesto contra a ação absurda da censura. Fazer filmes representa, para nós, que não dispomos de recursos, de meios, um esforço mais de consciência do que de informação. Alguém precisa deixar em fotogramas um documento em defesa da nossa cultura, de nosso cinema.(...)”

Fica, portanto, registrado o nosso protesto contra a censura e apreensão de filmes da IV Jornada (...) A culpa de a realidade ser assim ou assada, não é nossa.”

(Documento dirigido à coordenação da IV Jornada assinado por 50 cineastas)

Participaram da mostra 72 filmes, com quase metade em Super-8 e em sua maioria de autores baianos. Em 35mm., **Carro de Boi**, de Humberto Mauro (MG), ganhou o Troféu Humberto Mauro. Em 16mm. **Rocas**, de Rogério Correia (SP) ganhou o Troféu Dez Anos de Globo como o melhor filme nesta bitola. **Pedro Piedra**, de Chico Liberato (BA), ganhou o Prêmio Alexandre Robatto Filho, da UFBA.

A melhor montagem e sonorização ficou com **O Último Coronel**, de Machado Bittencourt (PB). **Almir Mavignier**, de Lena Bodansky (SP), ganhou o Troféu Diário de Pernambuco, numa homenagem à melhor realizadora do evento e em contribuição ao então ano internacional da mulher. **AS Phylarmonicas**, de Agnaldo Siri Azevedo (BA), **Pedro Piedra**, de Chico Liberato (BA) e **Gran Circo Internacional**, de Vito Diniz (BA) ganharam o prêmio Bahiatursa.

Em Super-8 foram premiados **Gran Circo Internacional**, de Vito Diniz (BA) como melhor filme nesta bitola. Também receberam prêmios **Agreste**, de Robinson Barreto (BA); **Anjanil**, de Juraci Dórea (BA); **Olha a estrada**, de Talvani Guedes Fonseca (PE) e **Cajaíba**, de Sérgio Hage Fialho (BA).

#### V Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1976

Com o passar dos anos e o amadurecimento da Jornada as mudanças começaram a acontecer. Uma delas foi a unificação das exposições dos filmes. Todos, dessa feita, seriam exibidos no Instituto Goethe, antes os filmes em 35mm. eram mostrados no Cine Rio Vermelho ou no Teatro do Senac. Outra mudança importante foi a que eliminou a distinção entre as diversas bitolas, uma mudança que desde o ano anterior vinha sendo reivindicada pelos participantes.

A recente extinção do Instituto Nacional de Cinema (INC) e a ampliação das atribuições da Embrafilme provocou algumas alterações no sistema de premiação da Jornada. A mostra passou a oferecer os prêmios oficiais aos três gêneros – documentário, ficção e animação, em vez de premiar cada filme de cada bitola.

As comissões de seleção e premiação continuaram. Os filmes selecionados concorreriam aos prêmios oficiais e receberiam um verba da Embrafilme. Os filmes não selecionados, como de costume na Jornada, seriam exibidos e teriam participação de 50% na renda das sessões e concorreriam a prêmios oferecidos por entidades que colaboravam com a Jornada.

Para dar cabo da polêmica surgida na edição anterior, as sessões da Mostra Oficial e as da Paralela foram programadas sem distinção de bitolas.

A V Jornada contou com Simpósio da ABD, onde os documentaristas trataram dos mercados de exibição – o alternativo e o comercial. Discutiram também sobre as mudanças acarretadas com a extinção do INC e a ampliação das funções da Embrafilme.

Além dos debates da ABD, aconteceu o encontro dos cineclubistas do Nordeste. Também uma reunião dos pesquisadores do Cinema Brasileiro.

## **POLÊMICA**

A quinta edição da Jornada teve 80 filmes inscritos e 33 selecionados pela Comissão de Seleção e Premiação. A grande polêmica ficou por conta dos cineastas contrários à existência da Comissão.

Por exemplo, o cineasta carioca Carlos Frederico que teve apenas um de seus dois filmes selecionados protestou e retirou o escolhido da mostra oficial para que fossem exibidos os dois na mostra paralela. O caso do cineasta carioca foi a gota d'água para uma série de queixas acerca dos critérios da Comissão de Seleção, tanto de cineastas, como de participantes do evento.

Antes do encerramento da Jornada, realizou-se o Fórum Administrativo, uma novidade com o objetivo de proporcionar aos participantes uma reunião para debater os critérios da organização e as mudanças a serem feitas na Jornada.

No Fórum Administrativo ficou definido que na Jornada seguinte não haveria mais premiação oficial nem seleção de filmes, com todos os participantes dividindo o aluguel-prêmio.

## **PREMIAÇÃO**

O prêmio para melhor documentário ficou com **Noel Nutels**, de Marcos Altberg (RJ). O melhor filme de ficção foi **A lenda dos crustáceos**, de Augusto Iwersen (PR) e o prêmio especial da mostra ficou com os filmes **Cinema de Rua: Ambulantes**, de Wagner de Carvalho e Jorge Santos; **Herança**, de Penna Filho; **Buraco da Comadre**, de João Batista de Andrade; **Pau pra toda obra**, de Augusto Sevá e Reinaldo Volpato e **Domingo em Construção**, de Wagner Carvalho – todos de São Paulo.

Os prêmios oferecidos por entidades foram o da UFBA para **Semiótica**, de Antonio Manuel (RJ) pela melhor proposta de caráter sócio-antropológico. O prêmio oferecido pela Fundação Cultural denominado Diomedes Gramacho, em homenagem a um dos pioneiros do cinema baiano, ficou com o Grupo **Cinema de Rua**, de São Paulo. **Olaría**, de Nelson Santos Machado (SC) ganhou o Prêmio Cinemateca do MAM como melhor proposta sócio-cultural fora do eixo Rio-São Paulo (o filme não foi escolhido pela Comissão de Seleção).

**Noel Nutels**, de Marcos Altberg (RJ), ganhou o Prêmio Walter da Silveira, da Associação Baiana de Imprensa. **A Feira**, da Equipe Compromisso (RJ) levou o Prêmio Sala Sérgio Porto como a melhor temática nordestina e, a exemplo de **Olaría**, também não havia sido escolhido para a mostra principal. **Fim de semana**, de Renato Tapajós (SP), recebeu o Prêmio VASP.

## VI Jornada Brasileira de Curta Metragem 1977

A VI edição da Jornada, realizada de 8 a 15 de setembro, aboliu de vez a premiação oficial ficando decidido que a verba destinada aos prêmios se transformaria em um fundo comum que seria dividido entre todos os concorrentes. Também a Comissão de Seleção de filmes foi abolida, porém à coordenação do evento caberia aceitar ou não a inscrição dos filmes.

Outra mudança da 6ª Jornada foi a criação do limite de um filme por cineasta, o diretor que decidisse exibir mais de um deveria indicar qual participaria da mostra oficial, pois o 'aluguel-prêmio' seria dividido apenas entre os filmes inscritos na mostra oficial. E, ao final do evento, ficou decidido que aos filmes em 16 e 35 mm. caberia um 'aluguel' que representava o dobro destinado aos filmes em Super-8.

Uma novidade desta edição foi o lançamento do *Jornal da Jornada* um tablóide de 24 páginas que era confeccionado durante os dias do evento com o objetivo de fazer um registro documental e crítico.

Seguindo o modelo das outras Jornadas ao lado das exposições, aconteciam o Simpósio da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD), o Encontro dos Dirigentes das Associações de Cineastas, o Encontro de Cineclubes, o Encontro dos Pesquisadores e uma novidade desta Jornada, o Encontro com a Crítica.

O Simpósio da ABD contou com a participação do presidente do CONCINE, Conselho Nacional de Cinema, o que foi visto como sinal de receptividade às reivindicações da ABD. As demandas eram espaços para exibição dos curtas, a descentralização das associações profissionais, a criação, através da Embrafilme, de uma distribuidora autônoma para os filmes de curta-metragem. Como nos anos anteriores, os participantes solicitavam organização da categoria, mercados de exibição e apoio das entidades responsáveis pelo cinema no Brasil.

Já no encontro dos Dirigentes de Associações de Cineastas a luta era por espaço de exibição na TV. Os cineastas queriam criar uma lei que tornasse obrigatória a veiculação de filmes nacionais na televisão.

Os cineclubistas fizeram um balanço da Jornada Nacional de Cineclubes, realizada em Campina Grande. Além disso, os cineclubistas trataram das dificuldades de funcionamento desse tipo de entidade, e também da falta de contato entre os Cineclubes.

O Encontro de Pesquisadores assistiu e analisou filmes antigos. Enquanto o Encontro com a Crítica foi o primeiro passo de uma relação sempre difícil. Os cineastas reclamaram da visão elitista e pouco condescendente dos críticos. Segundo os participantes do encontro, os críticos preferiam “encher uma página inteira sobre a vida particular de Emanuelle, e não dedicar uma linha sequer ao cinema brasileiro”<sup>15</sup>.

## **FILMES**

A sexta Jornada contou com 93 filmes, entre os da mostra oficial e paralela. O filme **Hino Nacional**, de Maria Lúcia Veiga de Almeida (RJ), foi proibido pela Censura Federal e **Abílio matou Pascoal**, de Paulo Roberto Ribeiro (BA) sofreu um corte.

**Alma no olho**, de Zózimo Bulbul (RJ), recebeu o Prêmio Embrafilme; **Um a um**, de Sergio Muniz (SP) ganhou o Prêmio Universidade Federal da Bahia; **Acidentes de Trabalho**, de Renato Tapajós (SP), levou o Prêmio Instituto Goethe; **Cajaíba**, de Tuna Espinheira (BA) ganhou o Prêmio Funarte.

## **MEMÓRIA**

A VI Jornada foi marcada pela consternação de todos os participantes pelo falecimento de Paulo Emílio Salles Gomes, um grande estudioso do cinema nacional, em São Paulo. Durante toda Jornada o cineasta foi lembrado “presidindo simbolicamente o esforço dos cineastas pela afirmação econômica e social do cinema brasileiro”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> Id. Ibid., apud VI Jornada Brasileira de Curta-Metragem, 1977. p.100.

<sup>16</sup> Id. Ibid.p.101.

## VII Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1978

Seguindo uma resolução da Jornada anterior, a sétima edição do evento foi batizada VII Jornada Brasileira de Curta-Metragem Paulo Emílio Salles Gomes. Homenagem ao escritor morto no ano anterior e grande incentivador da Jornada.

Não fugindo à tradição o evento aconteceu de 8 a 15 de setembro de 1978. A abertura aconteceu com a sessão informativa 'As Jornadas de Salvador e a Luta do Curta-Metragem' e a exposição 'In Memoriam Olney São Paulo'.

Na programação do festival o Simpósio dos Documentaristas, a Reunião dos Cineclubistas, o encontro dos dirigentes das Associações Cinematográficas e um Simpósio sobre Cinema e TV. Também fizeram parte da programação paralela, uma retrospectiva da I Jornada, debates com autores de filmes e uma mostra especial comemorativa dos 20 anos do MAM.

Lançado nesta Jornada o livreto, *O Curta Metragem Brasileiro e as Jornadas de Salvador*, de Bráulio Tavares, que contava resumidamente um pouco da história das seis primeiras edições da Jornada.

### **PRÊMIOS**

Os filmes ganhadores dessa sétima Jornada foram **Leucemia**, de Noilton Nunes, **As Queixadas**, de Rogério Correa, **Exposed**, de Edgar Navarro, **Dia de Erê**, de Olney São Paulo e **Foi Pena Que....**, dos Irmão Wagner.

No encerramento houve a entrega do Troféu Humberto Mauro ao filme escolhido pelo público, **Leucemia**, seguindo a proposta de extinguir o caráter competitivo do evento para que todos os filmes exibidos pudessem ser apreciados sem diferenciações. Além da entrega do prêmio, foi exibido o filme **25**, de Celso Lucas e José Celso Martinez Correa.

## VIII Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1979

A grande mudança na oitava edição da Jornada foi sua realização que se transferiu de Salvador para João Pessoa, na Paraíba, no único ano em que a Jornada saiu da Bahia. Devido a dificuldades financeiras a UFBA retirou seu apoio ao evento. A convite da Universidade Federal da Paraíba e do Governo do Estado o evento foi acolhido no Hotel Tambaú de João Pessoa. Outra mudança importante foi a decisão de não haver mostra competitiva de filmes.

Com limitações técnicas por causa da mudança de cidade, a organização do evento vetou a exibição de filmes Super-8. O veto provocou inúmeros protestos já que no Norte-Nordeste ainda se usava essa bitola, ao contrário do Sul do País onde já estava em decadência devido ao surgimento do vídeo.

Nesta edição a organização da Jornada instituiu um tema básico para o festival e que deveria inspirar os filmes inscritos: ***Por um mundo mais humano***. O tema foi inspirado num trecho do ultimo discurso de ***O Grande Ditador***, de Charles Chaplin.

A proposta era “se afirmar não como um festival de badalação mas como momento de reflexão e de debate sobre nosso mundo e sobre a ação que o cinema pode exercer sobre ele”.<sup>17</sup> Além disso, objetivava promover e estimular a discussão sobre temas e tendências do curta-metragem, visando o aprimoramento do nível dos filmes que iriam ocupar o mercado.

Na programação paralela do evento, aconteceu o Simpósio dos Documentaristas e a Conferência de Imprensa da Associação Paraibana de Imprensa. No Programa Afrobrasileiro e na Mostra de Filmes Latinos iniciava-se o intercâmbio de filmes e idéias entre as cinematografias da América Latina e África de fala portuguesa, um ponto que viraria marca do evento.

Outra inovação na VIII Jornada foi o lançamento do *Jornal da Jornada* na abertura do festival com os temas que iriam suscitar

---

<sup>17</sup> Boletim Informativo nº 2 da VIII Jornada Brasileira de Curta-Metragem de junho de 1979

discussões, ao invés do lançamento no final como um resumo do evento.

A comemoração dos 20 anos do documentário **Aruanda**, obra filmada em 1959 e que significou um marco do cinema brasileiro contemporâneo foi um dos momentos mais emocionantes da oitava Jornada. Houve emoção também no encerramento com a exibição do longa metragem do paraibano Ipojuca Pontes, **Canudos**. Em seguida à do premiado **A Pedra da Riqueza**, de Wladimir Carvalho.

### IX Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1980

De volta à capital baiana a nona edição da Jornada foi aberta com o lançamento do *Jornal da Jornada* e com a Conferência da Associação Baiana de Imprensa. Quatro locais foram destinados ao evento, o Cine Rio Vermelho, o Teatro Maria Bethânia, a Biblioteca Central do Estado e o Museu de Ciência e Tecnologia.

O Simpósio dos Documentaristas discutiu a busca de unidade entre realizadores, com o objetivo de pressionar os órgãos governamentais responsáveis pelo cinema brasileiro e desenvolver “um programa democrático para o cinema”<sup>18</sup>, onde vigore a melhoria da política de distribuição da Embrafilme e dos mercados especiais, a questão da produção e do curta-metragem para exibição na TV.

A principal novidade foi o retorno da seleção e premiação de filmes. Na V Jornada em 1976 foi abolida a seleção prévia, a partir da VII foi suprimida a escolha de um vencedor. Naquela fase, a prioridade era o estímulo à produção. “Não interessava a seleção, mas, o contrário dela, a produção cada vez maior”<sup>19</sup>.

A partir da lei de obrigatoriedade da exibição do filme brasileiro de curta-metragem, a situação começou a se modificar. Já existia o

---

<sup>18</sup> Boletim Informativo nº. 7 da IX Jornada Brasileira de Curta-Metragem

<sup>19</sup> Boletim Informativo nº. 3 da IX Jornada Brasileira de Curta-Metragem

mercado e a questão maior era como preenchê-lo da melhor maneira. A prioridade deixou de ser o estímulo à produção para ser o da qualidade.

A Jornada recebeu nessa edição um total de 137 filmes dos quais 60 foram selecionados. A seleção foi baseada nos critérios de enriquecimento do cinema nacional através de obras criativas e conectadas com o momento do país.

Três filmes dos 60 foram escolhidos para receberem os prêmios de melhor documentário, melhor filme de ficção e melhor filme de animação ou experimental. O melhor filme de ficção ficou com **O Sertão do Conselheiro**, da Agnaldo Siri Azevedo, o melhor documentário foi **Os Anos JK – Trajetória Política**, de Silvio Tendler.

O troféu idealizado por Chico Liberato e Guido Araújo e criado pelo artista plástico baiano Zú Campos foi um tatu, que passou a ser o símbolo da Jornada, seja pela identidade nordestina, seja pelas suas características de persistência e resistência.

A IX Jornada também contou com uma maior participação de filmes latino-americanos e africanos, graças, em grande parte, ao apoio dado pelo Departamento de Divulgação do Itamaraty. Participaram do festival filmes do México, Nicarágua, Venezuela, Colômbia, Peru e Panamá, além de exilados chilenos. Da África foram apresentados filmes de Angola, Moçambique e Guiné Bissau.

### X Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1981

Em sua décima edição a Jornada fez uma retrospectiva dos filmes que marcaram os dez anos do festival. Uma homenagem a Glauber Rocha, recentemente falecido, com a apresentação de seu primeiro filme **O Pátio** e do documentário **História do Brasil**, inédito no país e feito em parceria com Marcus Medeiros. E, na figura de seu diretor, Guido Araújo, uma convocação para que:

“Os cineastas brasileiros se posicionem firmemente pela preservação dos mais sagrados direitos da pessoa humana: a vida e a liberdade. No momento a humanidade se encontra seriamente ameaçada por uma hecatombe nuclear, provocada

pela política insana e belicista do presidente Reagan (...) Nossa consciência não pode ficar indiferente ao massacre de que é o povo salvadorenho, nem ver nossos irmãos angolanos serem mortos e terem seu solo pátrio violentado pela presença de racistas sul africanos (...) Devemos assumir nossa responsabilidade para avançar pelo caminho da criatividade e do desenvolvimento cultural.”  
(Boletim Informativo nº7 de 9/091981 da X Jornada Brasileira de Curta-Metragem)

Uma das preocupações da organização da Jornada era a de contribuir para a descentralização do cinema brasileiro, com essa proposta a coordenação buscou uma eqüitativa representatividade das várias regiões do Brasil na mostra de filmes.

Nesta Jornada os filmes premiados também receberam uma quantia em dinheiro.

“A premiação em dinheiro foi instituída nas primeiras mostras, no início dos anos 70, mas com a aprovação da lei de obrigatoriedade do curta-metragem, os participantes reivindicaram a suspensão da seleção e premiação e propuseram que toda produção cinematográfica independente fosse recebida. Recentemente, em virtude do estrangulamento do mercado, os filmes inscritos voltaram a ser selecionados e os melhores premiados com troféus”.  
(Boletim Informativo nº2 de 28/7/1981 da X Jornada Brasileira de Curta-Metragem.)

Na programação paralela do evento a Mostra Latina de Filmes com obras de países como o Panamá, Bolívia, México, El Salvador, Nicarágua e Cuba. Também foram exibidos filmes africanos em língua portuguesa e uma seleção de obras premiadas no Festival de Lille, na França, que assim como a Jornada também estava completando dez anos.

O Simpósio dos Documentaristas discutiu a recriação do Centrocine – órgão autônomo e com poderes próprio, “para garantir a distribuição do curta-metragem, arrecadar e distribuir as rendas permanentes desses filmes e promover a descentralização da produção do filme”<sup>20</sup>. O Centrocine, segundo os cineastas, seria uma saída desde que se constatou o fracasso da Embrafilme no trato dos curtas-metragens.

---

<sup>20</sup> Boletim Informativo nº8 11/09/1981 da X Jornada Brasileira de Curta-Metragem.

## PRÊMIOS

O Prêmio Glauber Rocha, para o melhor filme da Jornada, foi dividido entre os filmes **A Luta do Povo**, do paulista Renato Tapajós, que abordava a evolução dos movimentos populares em São Paulo nos últimos três anos, com **A Voz do Brasil**, de Walter Rogério também de São Paulo, que tratava do descaso dos órgãos oficiais para com os cineastas independentes.

O Prêmio UFBA foi para o documentário **SANAUD** (Voltaremos), do paulista Barros Freire, sobre a ação da OLP (Organização para Libertação da Palestina). O prêmio em dinheiro, CR\$ 50 mil cruzeiros foi doado ao movimento negro unificado para a compra de um projetor cinematográfico.

O prêmio de melhor filme experimental ficou com **Maria da Luz**, de Wilson Rodrigues (SP). A melhor ficção foi **Balzaquianas**, de Eliana Bandeira e Marília Andrade.

O Pólo Cinematográfico da Bahia conferiu o prêmio a **Irmãdade da Boa Morte**, de Afonso Rodrigues (BA). Uma Menção Especial foi concedida a **Tempo Quente**, de Leilany Fernandes Leite (RJ).

**Balzaquianas** e **Retratos de Hideko**, de Olga Futemma, foram os filmes escolhidos por Athalipa Lichy, diretor do Festival de Lille, para serem exibidos no evento francês.

Ao final do evento, em documento oficial, os cineastas presentes à X Jornada constataram que os anos de paternalismo criaram graves distorções na política cinematográfica. Segundo eles, a luta por mais verbas incentivada pela Embrafilme fez perder de vista uma atuação mais permanente e conjunta das entidades de classe. <sup>21</sup>

No documento foi exigida maior participação das entidades de classe nas decisões da política cinematográfica “que hoje se produz à revelia de seu maior interessado: o cinema brasileiro”. <sup>22</sup> No texto redigido pelos cineastas também constava uma moção de repúdio à censura ao filme de Fernando Bélen, **Ora Bombas, ou a Pequena**

---

<sup>21</sup> Jornal Tribuna da Bahia de 15/09/1981

<sup>22</sup> Ibid.

***História do Pau, Brasil;*** uma homenagem a Glauber Rocha e ao maquiador de cinema Gilberto Marques que havia cometido suicídio pouco antes do início da Jornada.

### XI Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1982

A grande novidade dessa edição foi sua realização pela primeira vez em um grande cinema da cidade – o cine Glauber Rocha, localizado na Praça Castro Alves. “(...) durante a segunda semana de setembro a Praça Castro Alves se transformará em um grande espaço cultural para cineastas de todo o país.”<sup>23</sup> Os cineastas chegaram a elaborar um documento que seria enviado ao governador e ao prefeito com a proposta de transformar o espaço Glauber Rocha num local destinado a festivais e discussões sobre cinema, “um espaço vital para o pólo cinematográfico da Bahia”.

Outra novidade da XI Jornada foi a mostra informativa de vídeo cassete. Os vídeos foram exibidos apenas em caráter informativo. A proposta do festival era dar início a um mercado de filmes latinos em vídeo.

Na programação paralela se realizou o 9º Encontro do Centro Brasileiro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro. O Simpósio dos Documentaristas daquele ano debateu o fortalecimento da descentralização da atividade cinematográfica e a nova política para dinamizar os pólos.

Uma mesa redonda discutiu – ‘O Cinema e os Novos Recursos Eletrônicos’. Já que o advento do vídeo cassete demandava um reposicionamento dos cineastas de então. O Simpósio dos Cineastas Brasileiros foi de grande relevância por se constituir na retomada do Centro de Pesquisadores de Cinema Brasileiros, após três anos de estagnação de suas atividades, e por serem apresentadas propostas relevantes.

---

<sup>23</sup> Boletim Informativo nº4 de 24/08/1982 da XI Jornada Brasileira de Curta-metragem

Participou da Jornada daquele ano o cineasta argentino, Fernando Birri, autor do premiado **Los Inundados** e criador da escola documentarista Santa Fê, na década de 50. Em Salvador, Birri apresentou **Tire Dié, Los Inundados, Pampa Gringa, Castagnino, Diário Romano** e **Scnen 24 Ore**. Além dos filmes do argentino, marcaram presença obras do México, Peru, Venezuela, El Salvador e Cuba. Também esteve presente na XI Jornada a Mostra Especial de Filmes premiados no festival de Leipzig, festival realizado na Alemanha e realizado há 25 anos.

“Existem duas vertentes de intercâmbio internacional na Jornada, uma diz respeito à aproximação com o cinematografias do Terceiro Mundo, em particular com países latino americanos e os africanos de fala portuguesa; a outra se liga à troca de experiências com festivais internacionais de características semelhantes à Jornada. Através deste intercâmbio, que compreende uma reciprocidade, o público brasileiro já teve oportunidade de apreciar filmes premiados dos festivais de Oberhausen, Bilbao e Lille.”

(Boletim Informativo nº2 de setembro/1982 da Jornada Brasileira de Curta-Metragem.)

## PRÊMIOS

- Prêmio Glauber Rocha foi dividido entre **50**, de José Carone Jr (SP) e **Em Cima da Terra, Embaixo do Céu**, de Walter Lima Jr (SP).
- Júri Popular premiou **Mulheres da Boca**, de Aída Aidar e Inês Castilho (SP).
- Prêmio UFBA ficou com **Hermeto, Campeão**, do paulista Thomas Farkas.
- Prêmio do Pólo de Cinematografia da Bahia foi para **Musa do Cangaço**, documentário de José Humberto e **Muça Gambira**, animação de Alda Liberato.
- Troféu de Melhor Ficção foi para **Terceira Idade**, de Marília de Andrade e Eliane Bandeira (SP)
- Troféu de Melhor Documentário ficou com **Música Barroca Mineira**, de Arthur Omar (RJ).
- Menção Especial do Júri para **Renovo**, documentário de Renato Neiva Moreira (SP).

## XII Jornada Brasileira de Cura-Metragem 1983

A XII Jornada transferiu-se de Salvador para a cidade de Cachoeira, a 120 km da capital. A novidade desta edição foi a inserção do vídeo cassete no mercado brasileiro. Ao lado de debates sobre a perspectiva da ampliação do mercado de trabalho para cineastas viabilizado pela nova mídia, a Jornada introduziu filmes em vídeo na mostra competitiva.

A participação do vídeo cassete ampliou o espectro de participantes na mostra, chegando filmes do Amazonas, Rio Grande do Sul, Pará, Paraná, além de Pernambuco e Alagoas que se ausentaram nas últimas Jornadas.

No programa da Jornada setembrina constavam Reunião dos Pesquisadores; Simpósio dos Documentaristas (que discutiram a reserva de mercado); o Encontro: Cinema na Universidade Nordestina; a Mesa Redonda: Cinema e TV Educativa e a Tribuna Livre, onde os curta-metragistas expuseram seus trabalhos à apreciação crítica.

No fórum de debates sobre o cinema na Universidade dois temas importantes vieram à tona: 'A viabilização dos meios de produção de filmes na Universidade' e 'A formação de mão de obra em cinema'. O debate foi proveniente do CUCA – Circuito Universitário, cuja principal proposta era estímulo aos projetos desenvolvidos em instituições de ensino superior.

Consolidando o intercâmbio que vem desde 1979, a XII Jornada contou com a participação de filmes originários da Colômbia, Peru e México. “A Jornada, afinal, se constitui num dos poucos espaços onde os brasileiros podem assistir a filmes latinos americanos e africanos que, em geral, não conseguem romper o bloqueio preponderante no nosso mercado convencional de exibição, inteiramente dominado pelas distribuidoras multinacionais”<sup>24</sup>.

Em uma mostra denominada *Confronto* foram exibidos filmes de várias partes do mundo sob a temática dos horrores das guerras com a

---

<sup>24</sup> Boletim Informativo nº1 de 22/07/1983 da XII Jornada Brasileira de Curta-Metragem

esperança de ‘criar uma aversão genuína a todas as guerras do mundo’. **Na Mente dos Homens**, co-produção das Nações Unidas e DGM Filmes; **O Sonho Impossível**, desenho animado produzido pela ONU, tratava das desigualdades de salários entre homens e mulheres e a escravização da mulher nos trabalhos domésticos e **Dois Dias de Agosto**, produzido pela então República Democrática Alemã discorria sobre as conseqüências do lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki.

A mobilização pela paz e democracia também teve lugar nesta 12ª Jornada através do abaixo assinado de solidariedade ao povo chileno e contra a ditadura militar instaurada no país.

## **PRÊMIOS**

Setenta filmes foram inscritos. O problema dos custos de produção explicava a esmagadora maioria de filmes em 16mm., com 33 trabalhos contra apenas sete em 35mm., 10 VTs e 10 em Super-8.

O Prêmio Glauber Rocha foi dividido entre com **Fuzarca no Paraíso**, de Regina Rheda (SP) e **Cinema Paraibano – 20 anos**, documentário de Manfredo Caldas. O Júri Popular escolheu **Qualquer Um**, de Rita Buzar (SP).

O melhor vídeo foi **Chico Antônio, o Herói com Caráter**, de Eduardo Scorel; o tatu de melhor filme experimental foi recebido por Wilson Barros (RJ) com o filme **Diversões Solitárias. Santo e Jesus, Metalúrgicos** foi escolhido como o melhor documentário de longa-metragem, enquanto **Cinema Paraibano – 20 anos**, de Manfredo Caldas ganhou o prêmio de documentário de curta-metragem.

O melhor filme de ficção foi **O Cisne também Morre**, de Tuna Espinheira (BA) e a Menção Especial foi dada ao trabalho do fotógrafo Adrian Cooper, que teve participação em quatro filmes: **Tribunal Bertha Lutz, Vida e Sangue de Polaco, Chapeleiros e Santo e Jesus, Metalúrgicos**.

### XIII Jornada Brasileira de Curta-Metragem 1984

Pelo segundo ano consecutivo, a Jornada aconteceu em Cachoeira, de 8 à 14 de setembro, sendo considerada pelos *jornadeiros* como uma cidade 'heróica'. Nesse segundo ano mais espaços foram disponibilizados para o evento e a programação contou com filmes rodados na cidade, intitulado "Cachoeira Cenário Cinematográfico" mostrou filmes dos cineastas baianos Olney São Paulo, Geraldo Sarno, Guido Araújo, Fernando Coni Campos, entre outros.

Na programação uma retrospectiva do cineasta mexicano Paul Leduc, uma homenagem ao centenário do documentarista Flaherty (considerado o maior documentarista americano), um retrospectiva da dupla alemã de documentaristas Heynowsky e Scheumann retratando a luta anti-imperialista no continente asiático.

Também dentro da programação da XII Jornada o especial 'Cine Sensações do Brasil', mostra com uma vasta documentação fotográfica reunida pela Cinemateca Brasileira desde os anos 50, onde foram homenageados Humberto Mauro e Glauber Rocha, além de estrelas e gêneros como a chanchada, dando uma visão das diversas manifestações do cinema brasileiro.

O debate mais polêmico dessa Jornada foi sobre a prolixidade dos filmes exibidos, sua linguagem experimental e os níveis de leitura do público. No final das discussões, levou-se em conta a importância da criatividade, das inovações de linguagem e da adequação do cineasta às condições de que ele dispõe. Porém, para os participantes, muito da dificuldade do público em apreender o conteúdo do filme deveu-se às falhas técnicas e à precariedade nas condições de exibição das obras.

### **FILMES E PRÊMIOS**

Foram 50 filmes inscritos de 12 estados e um grande salto quantitativo de filmes de média-metragem (com mais de 30 minutos).

Houve seis programas de filmes em competição e dois de VTs, num total de 16 horas de exibição aproximadamente.

Dos 34 curtas selecionados para a mostra oficial, 3 foram vetados pela Censura Federal: **Porta de Fogo**, de Edgar Navarro (BA), uma ficção sobre o capitão Lamarca; **Em Nome da Segurança Nacional**, de Renato Tapajós (SP), um documentário ficção e **PCB**, de Luiz Fernando Taranto (RJ), também um documentário.

Uma menção de repúdio foi feita pelos *jornadeiros* à censura pelos filmes que não puderam ser exibidos na Jornada e seguindo o lema **Por um Mundo mais Humano** os premiados foram:

- Prêmio Glauber Rocha para **O Auto-Retrato de Bakun**, de Sílvio Back (PR).
- Prêmio Paulo Emílio Salles para **Patativa do Assaré, um Poeta do Povo**, de Jefferson Albuquerque Jr (CE).
- Tatu de Ouro para o melhor vídeo para **O Sangue da Terra**, de Aurélio Michilis (AM).
- Tatu de Ouro para o melhor filme de animação ou experimental para **Assaltaram a Gramática**, da Ana Maria de Magalhães (RJ) e **Um Minuto para a Meia Noite**, de Flavio del Carlo (SP).
- Tatu de Ouro para melhor filme de ficção para **Memórias de Deus e o Diabo em Monte Santo e Cocorobó**, do baiano Agnaldo Siri Azevedo.
- Tatu de Ouro de melhor documentário para **Punks**, de Sarah Yakhni e Alberto Grieco (SP).

As menções especiais do Júri foram para:

- Guilherme Vaz, pela música do filme **Antártida**, de Lyonel Lucini (DF).
- Augusto Sevá, pela montagem de **A Divina Providência**, de Sérgio Bianchi (SP).
- Hermano Penna, pela fotografia do filme **Patativa do Assaré, um Poeta do Povo**, de Jefferson Albuquerque Jr (CE/DF).
- José Roberto Eliezer (SP), pelo conjunto de trabalhos fotográficos apresentado na Jornada.

- Marian Van de Vem, pelo som do filme **Punks**, de Sarah Yakhni e Alberto Grieco (SP).
- Menção Especial ao filme **Delírio e Morte de um Retirante**, de David Quintans, então como representante do cinema gaúcho.
- Menção Especial ao filme **Zabumba**, do paulista Hamilton Zani Jr, pelo trabalho de animação.
- O Prêmio UFBA escolhido pelo Júri Popular foi para **Patativa do Assaré, um Poeta do Povo**, de Jefferson Albuquerque Jr (CE).

#### XIV Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1985

Esta foi a edição de maior efervescência e receptividade do evento junto a setores cinematográficos e a vários países, quando ela se tornou internacional, com o advento do concurso de vídeo e filme latino americano. O lema **Por um Mundo mais Humano**, todavia, permaneceu e depois de dois anos consecutivos sendo realizada em Cachoeira a Jornada retornou a Salvador.

O quartel-general do evento foi o recém-reinaugurado Hotel da Bahia, no Campo Grande, além do hotel filmes e vídeos foram exibidos nos Cines Art I e II e no cine-teatro do ICBA:

“Foi em Salvador que se consolidaram projetos e decisões sobre a questão da exibição compulsória dos curtas nas salas de cinema, sobre o controle da política de arrecadação pelo CONCINE e sobre a reserva de mercado, além da reestruturação da Embrafilme”

(Boletim Informativo nº4 de julho de 1985).

Duas minorias populacionais foram exaltadas nesta XIV Jornada – o negro e o índio. Na abertura do evento foi exibido **Povo de Lua, Povo de Sangue**, de Marcelo Tassara, que, junto com **Em Nome da Segurança Nacional**, de Renato Tapajós, dividiu o grande prêmio do júri no festival de Oberhausen, na Alemanha. O filme de Tassara é um retrato dos ianomâmis, índios que vivem na fronteira Brasil/Venezuela.

Os negros receberam sua homenagem no encerramento da XIV Jornada com a exibição do filme ***Ilê Ayê – Angola***, do baiano Orlando Senna, vencedor do prêmio de melhor curta no festival do Rio. Junto com o filme de Senna, foi exibido ***O Som Nosso de Cada Dia***, de Mario Kupperman, filme que mostra a evolução da música brasileira desde o descobrimento do Brasil até o ano de 1902, quando foi gravado o primeiro disco brasileiro. Lá se vê a musicalidade do povo indígena que foi submetido a um novo tipo de escala musical que nada tinha a ver com seu som de origem.

Outro destaque nesta Jornada foi a exibição de ***Baía de Todos os Santos***, do paulista Trigueirinho Neto, que naquele ano de 1985 completava 25 anos e havia sido exaltado por Glauber como “um fenômeno do novo mundo”, em seu jubileu de prata o filme foi inteiramente restaurado pela Cinemateca de São Paulo.

Favorecida pelo clima de liberação da censura em virtude da recém instaurada Nova República, a programação da Jornada foi enriquecida por obras internacionais renomadas e de cineastas independentes de países como Argentina, Cuba, Chile, Colômbia, Peru, Venezuela, El Salvador e México; além de contar com uma programação de debates e mesas-redondas proeminente.

## **PROGRAMAÇÃO PARALELA**

O Mercado Alternativo Internacional de Cinema e Vídeo foi considerado uma conquista para o cinema de cunho cultural e um passo na consolidação do mercado. O Mercado Alternativo Internacional de Cinema e Vídeo seria o espaço de comercialização de produções de vários países, podendo com isso enriquecer e renovar o acervo das distribuidoras independentes.

Várias mostras interessantes fizeram-se presentes na programação da décima quarta edição da Jornada. A Mostra Especial sobre filmes de caráter etnográfico e sócio-antropológico teve

colaboração da França, através de sua Embaixada no Brasil. Cinco documentários do México foram exibidos em outra mostra que retratou a realidade social do país.

A Mostra Cinema do Terceiro Mundo contou com o apoio da então Alemanha Ocidental, que já há algumas edições participava da Jornada através do Festival de Oberhausen. A Mostra de Filmes Anti-Fascistas foi organizada por enviados do Festival de Leipzig, da Alemanha Oriental.

Na Mostra Internacional de Vídeo foram exibidos quatro documentários dos Estados Unidos e uma co-produção México-EUA intitulado, ***Uma Crônica da Vida Fora da Lei***, sobre a subsistência clandestina de quatro famílias de imigrantes mexicanos no sul da Califórnia.

A retrospectiva 'Vinte Anos do Documentário Político Latino Americano' foi uma das que mais atraiu a atenção do público. E contou com a participação de várias nações latino americanas, da Cinemateca do MAM, do Rio e da Cinemateca Brasileira de São Paulo. O público presente teve a oportunidade de assistir a obras censuradas nos últimos anos, caso das de Santiago Alvarez, considerado o maior documentarista cubano, do chileno Pedro Chasquel e dos colombianos Ciro Duran, Carlos Alvarez e Mário Mitrotti, diretores que detêm obras combatentes e de resistência.

Também parte da programação paralela da Jornada, o Encontro das TVs Educativas que definiu três pontos importantes: a apresentação de filmes contratados em *pool*, a negociação direta com o produtor e a possibilidade de empresas privadas bancarem programas de cinema como apoio cultural. Todas essas medidas voltadas tinham como objetivo a diminuição dos custos de produção.

No Simpósio da ABD houve uma moção de apoio à Jornada:

“Os cineastas consideram que a história do cinema de curta-metragem se confunde com a da Jornada e reverenciam essa promoção que os abrigou em memoráveis lutas”.

(Boletim Informativo nº5 da XIV Jornada Internacional de Cinema da Bahia)

A moção lembrava que a Jornada durante seus 14 anos consecutivos promoveu o encontro do cinema documentário independente e criativo em difíceis anos de censura, dando fôlego à atividade ao promover debates, organizar a entidade e afirmar as raízes e a identidade cultural do brasileiro.

Outro momento importante desta edição foi a reunião dos realizadores de filmes de animação para a criação de sua própria associação.

Concomitante com o lançamento do Jornal da Jornada aconteceu uma exposição de artistas plásticos inspirados no cinema da Jornada. Já no encontro dos cineclubistas Jaime Sodré, vice-presidente do Conselho Nacional de Cineclubes, destacou a mudança de linguagem adotada pelos cineastas em virtude da abertura política. Segundo Sodré, enquanto “antes eram usadas metáforas ou o caminho da ficção, agora se pode ver e discutir mais abertamente os diversos aspectos de nossa realidade”<sup>25</sup>.

## **PRÊMIOS**

Constavam da mostra 42 filmes e 18 vídeos selecionados. Notava-se que a bitola 16mm. mantinha a primazia na preferência dos cineastas, embora tivesse acontecido um crescimento no número de filmes em 35mm., assim como os em vídeo. O eixo Rio-São Paulo mantinha predominância, embora estados como Pernambuco e o Distrito Federal marcaram presença. Os trabalhos abordaram temas como comunismo e repressão política, até então assuntos proibidos.

O grande vencedor da XIV Jornada, ganhando o Prêmio Glauber Rocha foi ***Nada Será Como Antes. Será?***, de Renato Tapajós, que abordava as atitudes de esquerda em relação à democracia e os movimentos populares. Além do Prêmio Glauber Rocha, recebeu também o Tatu de Ouro.

Na categoria vídeo o Tatu de Ouro foi para ***Mulher Índia***, de Eliane Bandeira. Um prêmio especial, denominado Berimbau de Prata,

---

<sup>25</sup> Boletim Informativo nº7 da XIV Jornada Internacional de Cinema da Bahia

foi dado ao vídeo **Tiempo de Audácia**, do Sistema de Rádio Venceremos, de El Salvador. Também recebeu um prêmio especial do Júri, **Primeiro de Maio**, do grupo TV Viva de Olinda, Pernambuco.

O Júri Popular concedeu o prêmio a **Não Houve Tempo Sequer Para Lágrimas**, do baiano Agnaldo Siri de Azevedo.

Os outros premiados foram:

- Tatu de Bronze pela melhor música para **Comitiva Esperança: Viagem ao Interior do Pantanal**, de Almir Satter, Zé Gomes e Paulo Simões.
- Tatu de Bronze pelo melhor som para Roberto Gervitz e Marian Van der Ven no filme **Nada Será Como Antes. Será?**, de Renato Tapajós.
- Tatu de Bronze de melhor roteiro para Francisco Botelho e José Roberto Sadeck pelo filme **Longa Viagem**.
- Tatu de Bronze de melhor montagem para O Pequeno Exército Louco, de Carlos Nascimbeni.
- Tatu de Bronze de melhor fotografia para **O que se move**, de José Roberto Eliezer.
- Tatu de Prata para o filme de animação **Bom Pastor**, de Roberto Carvalho e a **Dammersach**, de Ana Maria Abreu e Michael Runan.
- Tatu de Prata para o filme de ficção **Porta de Fogo**, de Edgar Navarro.
- Tatu de Prata para o filme documental de produção cubana, Granada, **El Despegue de um Sueño**, de Rigoberto Lopez.
- Menção Honrosa pelo caráter de inovação na linguagem, o filme documental **Na Terra do Caboré**, de Murilo dos Santos.
- Prêmio Especial do Júri para **A Terra Queima**, de Geraldo Sarno, por mostrar os graves problemas do Nordeste.
- O Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes destinado ao melhor trabalho brasileiro de pesquisa histórico, sociológico ou antropológico foi concedido a **Ilha da Resistência**, de Dino

Marconi e Timo Andrade e a ***Não Houve Tempo Sequer Para Lágrimas***, de Agnaldo Siri Azevedo.

- Troféu Jangada, oferecido pela Organização Católica Internacional de Cinema, foi para ***Fala Só de Malandragem***, de Denoy de Oliveira.

#### XV Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1986

Após um longo caminho, iniciado em 1972, como pequeno evento de âmbito local e chegando a uma dimensão internacional, a Jornada chega à sua 15ª edição como um festival independente e cultural. Espaço de resistência nos anos da ditadura, lugar de debates e discussões sobre os rumos do cinema, a Jornada durante essas 15 edições teve sempre que conviver com graves dificuldades financeiras.

Nesta edição, a Jornada homenageou os 40 anos da UFBA com uma mostra internacional de filmes de estudantes. E, sendo 1986, o ano internacional da Paz, o festival fez uma retrospectiva intitulada 'Filmes do Mundo na Luta pela Paz'. Também em consideração ao Ano Internacional da Paz, a Jornada, esse ano, alterou seu símbolo. O tatu ganhou asas e se uniu à pomba, transformando-se num tatu-pomba que sobrevoa as bandeiras dos países latinos participantes do concurso.

#### **PROGRAMAÇÃO**

A programação constava do segundo concurso de filmes de curta e média metragens e vídeos documentários. Do 1º Encontro da Federação de Distribuidoras Alternativas da América Latina e Caribe, do Seminário e Mostra de Filmes de Animação Latino-Americanos, do Mercado Internacional da Produção Alternativa de Cinema e Vídeo, da mostra 'Memória do Cinema Operário'.

O Simpósio 'Perspectivas Culturais do Filme Documentário no Brasil' concluiu que soluções inovadoras devem partir dos próprios diretores, exibidores e distribuidores em contraposição à prática de se

esperar e confiar nas políticas públicas. Também na programação uma retrospectiva em homenagem ao documentarista cubano Santiago Alvarez. Apenas neste ano de 1986 o Brasil reatou relações diplomáticas com Cuba, todavia, a Jornada, desde 1975, vinha apresentando produções cubanas.

Outra retrospectiva importante nesta 15ª Jornada foi a homenagem ao documentarista holandês Joris Ivens. Ivens, o *Holandês Voador*, é considerado um mito do documentário internacional e dono de vasta filmografia “que se destaca pelo talento e pelo sentimento de amor e solidariedade aos povos”<sup>26</sup>.

Ao lado de Joris Ivens e Santiago Alvarez, o documentarista paraibano Wladimir Carvalho também recebeu homenagens e retrospectiva. Carvalho sempre teve presença marcante na Jornada, desde sua primeira edição em 1972.

Na “Jornada da Paz” uma mostra especial comemorativa dos 50 anos da Guerra Espanhola com filmes que abordavam essa temática.

O quadragésimo aniversário da UFBA, instituição que sempre esteve entre os parceiros da Jornada, foi comemorado com a sessão especial ‘Mostra de Filmes de Estudantes’, ao lado da exibição ‘Noventa Anos de Cinema no Brasil’. Na sessão foram exibidos filmes históricos, como as primeiras realizações dos irmãos Lumiere e mais **O Palácio das Mil e Uma Noites**, de George Méliès e o brasileiro **Florões de Uma Raça**, de Alberto Botelho.

Acentuando o caráter didático da mostra houve duas palestras, uma de Cosme Alves Neto, diretor da Cinemateca do MAM, e outra de João Luiz Vieira, professor de cinema da Universidade Fluminense, ambas com a colaboração do Diretório Central de Estudantes da UFBA e da Embrafilme.

---

<sup>26</sup> Boletim Informativo nº 2 de junho/ 1986 da XV Jornada Internacional de Cinema da Bahia

## FILMES E PRÊMIOS

As mudanças ocorridas no Brasil, com o fim da ditadura militar e a instauração da Nova República, além das principais preocupações dos povos latino-americanos, estão refletidas nos 38 filmes e 16 vídeos selecionados para a mostra competitiva.

Este ano nem o Prêmio Glauber Rocha ao melhor filme da Jornada, nem o Walter da Silveira oferecido ao melhor vídeo foram concedidos. Ambos os prêmios que vinham acompanhados de uma quantia em dinheiro, eram oferecidos pelo Governo do Estado que não se manifestou, nem dispôs o valor em dinheiro destinado à premiação.

Os vencedores da XV Jornada foram:

- Tatu de Ouro de melhor filme da Jornada para ***A Resistência da Lua***, de Octávio Bezerra.
- Troféu Jangada e o Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes para ***Igreja da Libertação***, de Silvio Pa-Rin.
- Menção Honrosa para ***El Centerfillder***, de Ramiro Lacay.
- Prêmio Especial do Júri para ***Instinto Tropicália***, de Adilson Ruiz.
- Tatu de Bronze de melhor música para ***Geléia Geral***, de Sandra Werneck.
- Tatu de Bronze de melhor som para ***La Cruz Gil***, de Vitor Benitez
- Tatu de Bronze de melhor roteiro para ***Trama Familiar***, Emiliano Ribeiro.
- Tatu de Bronze de melhor montagem para ***Bajo Tierra***, de Rodrigo Furth e Eduardo Ruderman.
- Tatu de Bronze de melhor fotografia para ***Por uma Tierra Nostra***, de Marcelo Céspedes.
- Tatu de Prata para ***Casa Tomada***, de Malena Rocayolo, como melhor ficção.
- Tatu de Prata para melhor filme de animação ou experimental para ***The Masp Movie***, de Hamilton Zine Júnior.

- Tatu de Prata de melhor documentário para ***Nós de Valor...Nós de Fato***, de Denoy de Oliveira.

### XVI Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1987

Tal qual a edição anterior, a XVI Jornada contou com uma vasta programação, além da mostra competitiva de filmes. Nesta, dos 110 filmes e VTs inscritos, 64 foram selecionados, 44 brasileiros e 20 de países latinos. Os prêmios são para curtas (até 20 minutos) e médias metragens (de 20 a 60 minutos) nas categorias ficção, animação ou experimental e os melhores documentários, que em caráter excepcional podem ultrapassar os 60 minutos.

O segundo encontro do Mercado Internacional da Produção Alternativa de Cinema discutiu a necessidade objetiva de integração e intercâmbio entre espaços culturais já existentes e a criação de uma entidade de programadores, que possa executar uma política de atuação unitária, e mais espaços para filmes independentes.

A Mostra Informativa de Filmes da Federação de Distribuidoras Alternativas da América Latina e Caribe (FEDALC) fez uma avaliação dos avanços do setor. Também na programação a mostra o 'Retrato da Criança Latino Americana através do Vídeo'; a mostra da produção venezuelana de curta e média-metragens da Universidade Los Andes; mostra do curta-metragem baiano nos anos 60; o primeiro encontro da Associação de Documentaristas da AL e Caribe; mostra informativa do filme negro americano; mostra do documentário cubano; mostra do universo poético de Lês Blank.

Os dez anos da morte do escritor e incentivador da Jornada, Paulo Emílio Salles Gomes foi lembrada com exposição de fotos, livros, textos e outras obras de sua autoria e sobre sua vida. Roland Schaffner, ex diretor do ICBA, recebeu das mãos de Guido Araújo um troféu pelo apoio e estímulo à Jornada.

A Jornada foi escolhida para o lançamento do livro *O Senhor dos Navegantes*, roteiro inédito de Glauber Rocha, guardado durante 30 anos por seu co-autor Fernando Peres. Glauber escreveu esse roteiro quando tinha apenas 18 anos.

## PRÊMIOS

O filme ***Caldeirão de Santa Cruz do Deserto***, de Rosemberg Cariri, do Ceará, foi o grande vencedor da 16ª Jornada. O filme ganhou o Prêmio Glauber Rocha, o Troféu Jangada, oferecido pela Organização Católica Internacional de Cinema, e o Tatu de Ouro do Júri Popular.

***Avantes Camaradas***, da carioca Micheline Bondi, ganhou o Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes como o melhor trabalho brasileiro de pesquisa histórica, sociológica e antropológica.

Os outros premiados foram:

- Tatu de Ouro de melhor curta para ***Queremos as Ondas do Ar***, de Francisco César Filho e Tata Amaral (SP).
- Tatu de Prata de melhor documentário ***Memória Y Homenaje a La Noche de 16 de Setiembre de 1976***, direção coletiva da Práxis Audiovisual Argentina.
- Tatu de Prata de melhor ficção para ***A Lenda do Pai Inácio***, de Póla Ribeiro (BA) e ***Um dia...Maria***, de Marco Antonio Simas (RJ).
- Tatu de Prata de melhor animação para ***El Sueño de Los Hombres***, de Armando Arce, da Venezuela.
- Prêmio Especial do Júri para ***Impresso a Bala***, de Ricardo Fawilla (RJ)
- Menção Honrosa para ***La Ultima Comunion de Manuela***, de Marianela Alas, da Venezuela.
- Tatu de Bronze de melhor fotografia para Vito Diniz por ***A Lenda do Pai Inácio***.
- Tatu de Bronze de melhor montagem para ***Kid Chocolate***, de Gladys Cambre de Cuba.

- Tatu de Bronze de melhor roteiro para Timo Andrade, Agnaldo Siri Azevedo e Chico Drummond (BA) por ***Por que só Tataui.***
- Tatu de Bronze de melhor som para ***Maria das Castanhas,*** Maria Van Ven (SP).
- Tatu de Bronze de melhor música para ***Evocações...Nelson Ferreira,*** dos pernambucanos Nelson Ferreira, Misael Domingues.

Vídeos:

- Prêmio Walter da Silveira de melhor vídeo ficou com ***Mas Allá Del Silencio,*** Ximena Arrieta e Herman Mondoca, de Cuba.
- Tatu de Ouro de melhor direção para os pernambucanos Luiz Lourenço e Pedro Abrão pelo filme ***A Peleja do Bumba-Meu-Boi contra o Vampiro do Meio Dia.***
- Tatu de Prata de revelação para ***Chacina de Sarampo,*** de Sonia Mota, Adinair França e Ubirajara Mota (BA).
- Menção Honrosa para ***Como era Velha a Nova República,*** de Nilson Araújo, de Brasília.
- Prêmio Especial do Júri para ***A Humilhação e a Dor,*** do paulista Renato Tapajós.

#### XVII Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1988

No ano em que se comemorou o centenário da abolição, os 90 anos do cinema brasileiro e a quadragésimo aniversário da declaração dos direitos humanos, a Jornada decidiu promover um simpósio denominado *O Cinema e os Direitos Humanos no Terceiro Mundo* e uma mostra internacional de filmes significativos sobre o tema.

A idéia era promover uma mobilização, particularmente de pessoas envolvidas profissionalmente com os meios de comunicação, para uma conscientização mais ampla dos direitos civis, políticos,

sociais, econômicos e culturais do indivíduo no contexto dos países de economia dependente.<sup>27</sup>

Duas inovações nesta 17ª Jornada, a inclusão de produções africanas de língua portuguesa na mostra competitiva e de documentários com mais de 60 minutos ou de longa-metragem.

Esteve presente no evento o diretor do mais importante festival internacional de filmes de animação, o Festival de Annecy. Quatro programas com filmes premiados entre os anos 60 e 1987 foram exibidos ao público da Jornada. O diretor escolheu alguns filmes latinos para serem exibidos no prestigiado festival francês.

Também presente o Cine Accion, movimento experimental fundado em 1978 em São Francisco na Califórnia. Um dos diretores do movimento, o cineasta Adrian Carrasco exibiu durante a Jornada uma mostra significativa de filmes e vídeos.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha e o Tatu de Ouro, de preferência popular, foram para o documentário de longa **Terra para Rose**, de Tetê Moraes que trata da Reforma Agrária. **Terra para Rose** também foi laureado com o Tatu de Ouro de melhor documentário de longa e com o Tatu de Bronze de melhor música.

Os outros filmes premiados foram:

- Prêmio Olney São Paulo (Fundação Cultural) para **Memória de Sangue**, de Conceição Sena.
- Prêmio Walter da Silveira de Melhor Vídeo foi para **Saúde**, direção coletiva. Um documentário sobre as relações sociais na vida do trabalhador das camadas mais baixas da sociedade.
- Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes para **Memória Viva**, de Octávio Bezerra.
- **A Los Compañeros, na Libertad** dos argentinos Marcelo Céspedes e Carmem Guarini levou o prêmio Sky Light, destinado

---

<sup>27</sup> Boletim Informativo nº 1 setembro de 1988 da XVII Jornada Internacional de Cinema da Bahia

à obra que melhor contribuiu para a defesa dos direitos humanos.

- Troféu Jangada para **PSW – Uma Crônica Subversiva**, de Paulo Halm e Arnaldo Campos.
- Prêmio Especial do Júri para o melhor filme ficou com **Meninos de Rua**, de Marlene França. E o de melhor vídeo foi para **Diana**, de Juan Cremata.
- Menção Honrosa na categoria filme para **Calazans Neto, Mestre da Vida e das Artes**, de Agnaldo Siri Azevedo. Na categoria vídeo **Ganchos 88 – deu boi nas cabeças**, de Gilberto Mota.
- Tatu de Ouro de melhor curta ficou com **Um Cotidiano Perdido no Tempo**, de Nirton Venâncio.
- Tatu de Ouro de melhor média-metragem ficou com **PSW – Uma Crônica Subversiva** de Paulo Halm e Arnaldo Campos.
- Tatu de Ouro de melhor documentário de longa ficou com **Terra para Rose**, de Tetê Moraes.
- Tatu de Ouro de melhor enfoque afro-latino-americano ficou com **Raça Negra**, de Nilson Araújo.
- Tatu de Ouro de preferência popular ficou com **Terra para Rose**, de Tetê Moraes.
- Tatu de Prata de melhor curta documental foi para **Uno, Dos, Eso Es**, de Miriam Talavera e **O Mundo Perdido de Kózak**, de Fernando Severo.
- Tatu de Prata de melhor curta de ficção para **O Nariz**, de Eliane Caffé.
- Tatu de Prata de melhor curta de animação para **El Paso de Yabiri**, de Túlio Raggi.
- Tatu de Prata de melhor direção para **Nossas Vidas**, de Dilma Lôes.
- Tatu de Bronze de melhor fotografia para Ronaldo Nunes pelo filme **Um Cotidiano Perdido no Tempo**, de Nirton Venâncio.

- Tatu de Bronze de melhor montagem para Felix de La Nuez pelo filme **Uno, Dos, Eso Es**, de Miriam Talavera.
- Tatu de Bronze de melhor roteiro para Chico Drummond e Agnaldo Siri Azevedo por **Calazans Neto, Mestre da Vida e das Artes**.
- Tatu de Bronze de melhor som para Zico Santana pelo filme **Imagem**, de Ponti.
- Tatu de Bronze de melhor música para Ricardo Pavão, Paulo André e Marcelo Pascoal pelo filme **Terra para Rose**, de Tetê Moraes.
- Tatu de Bronze de revelação para **The Man of the Week**, de Boy Olmi e Luiz Mata Hermida.

Sobre a XVII Jornada Guido declarou;

Tivemos inúmeros senões, problemas técnicos com equipamentos, a infra-estrutura de transporte e às vezes um público reduzido em alguns eventos importante. Isso considero previsível, na medida em que trabalho com uma equipe improvisada e muitas dificuldades financeiras.

(Boletim Informativo nº14 de setembro de 1988 da XVII Jornada Internacional de Cinema da Bahia).

Nos dois anos seguintes, 1989 e 1990, a Jornada não se realizou por conta das dificuldades financeiras advindas da crise política e econômica que o país atravessava no governo do então presidente Fernando Collor.

### XVIII Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1991

Depois de um hiato de dois anos em função da falta de recursos, a Jornada volta com a “proposta de avançar na integração da América Latina, na perspectiva da não aceitar o colonialismo cultural”.<sup>28</sup> A retomada do evento para Guido Araújo foi uma vitória particular, no entanto, segundo ele, o importante é saber que apesar da interrupção a

---

<sup>28</sup> Boletim Informativo nº6 de 21/09/1991 da XVIII Jornada Internacional de Cinema da Bahia.

Jornada tem um peso expressivo para a área cinematográfica e cultural da Bahia e do Brasil. <sup>29</sup>

A 18ª Jornada aconteceu no período de 20 a 26 de setembro no Centro Histórico de Salvador, os filmes foram exibidos no Cine Tamoio, também foram destinadas ao evento as dependências da Fundação Gregório de Mattos.

Na programação, além da mostra competitiva, simpósios, mostras, homenagens, debates. Uma extensa e diversificada programação para comemorar o retorno à ativa da Jornada. Entre os destaques, a Mostra do Cinema Chileno; o Fórum Internacional de Cinema e Vídeo; a Mostra de Vídeo Contemporânea de Moçambique; a Mostra Recordando Leon Hirszman; a exposição As Jornadas de Cinema da Bahia através da Objetiva de Thomaz Farkas.

Foram 70 filmes inscritos e 51 selecionados, São Paulo liderou a lista com 15 trabalhos, seguido do Rio com 10, Paraná e Rio Grande do Sul com quatro e Bahia com três. Acerca dos estrangeiros foram quatro filmes cubanos, três argentinos e três chilenos. No concurso de vídeo foram 110 trabalhos inscritos e 60 selecionados. Brasília esteve presente com 13 vídeos, a Bahia com oito e São Paulo e Rio com seis. O Chile concorreu com 10 trabalhos, seguido da Argentina com nove, Cuba com sete e o Peru com um.

## **PRÊMIOS**

***Paisagem Natural***, de Wladimir Carvalho (DF) foi o grande vencedor da XVIII Jornada, levando dois Tatu de Ouro nas categorias de melhor filme e melhor média-metragem e dois Tatu de Bronze pela melhor fotografia de Walter Carvalho e melhor som de Wladimir Carvalho.

Outro grande premiado do festival foi ***Viver a Vida***, de Tata Amaral. O filme ganhou um Tatu de Ouro na categoria melhor filme de curta-metragem, um Tatu de Prata pela melhor direção, um Tatu de

---

<sup>29</sup> Ibid

Bronze pela melhor montagem, feita por Michael Ruman e Wagner Picolo e o Prêmio Kodak, na categoria melhor curta-metragem em 35 mm. Na categoria melhor documentário de longa metragem venceu o Tatu de Ouro, **Ameríndia**, de Conrado Berning (SP).

Outros vencedores foram:

- Tatu de Prata de Melhor curta-metragem documental para **Adeus, Rodelas**, de Agnaldo Siri Azevedo (BA).
- Tatu de Prata de Melhor curta de ficção para **Manhã**, de José Henrique Nunes Pires e Noberto Depizzolatti (SC).
- Tatu de Prata de Melhor curta de animação para **O Cristo Procurado**, de Rui de Oliveira (SP).
- Tatu de Bronze de melhor montagem (ex aequo) para Adriana Borges por **Numa Beira de Estrada** (RJ).
- Tatu de Bronze de melhor música para Edgar Rudni Tecky por **La Noche Eterna** (Argentina).
- Prêmio Especial do Júri foi concedido a **Heinz Forthmann**, de Marcos Souza Mendes (DF).
- Menção Honrosa para **Os Desertos Dias**, de Fernando Severo (PR).
- Prêmio Jangada foi concedido aos filmes: **Adeus, Rodelas**, de Agnaldo Siri Azevedo (BA); **As Meninas do Rio**, vídeo de Sérgio Goldemberg e Breno Silveira; ao filme **Cristo Procurado**, de Rui Oliveira e a ao vídeo **Huellas de Sal**, de André Vargas Danus (Chile).

Na categoria vídeo os vencedores foram:

- Tatu de Ouro para **Panthera Onça**, de Sérgio Bernades (DF)
- Tatu de Ouro pelo “melhor enfoque latino americano” para **República de Canudos**, de Póla Ribeiro e Jorge Felippi (BA).
- Tatu de Prata de melhor direção para o chileno André Vargas Danus pelo filme **Huellas de Sal**.
- Tatu de Prata de melhor vídeo de ficção para **Seda Negra**, de Eduardo Milewicz (Argentina).

- Tatu de Bronze de revelação para **As Meninas do Rio**, de Sérgio Goldemberg e Breno Silveira (RJ).
- Menção Honrosa para o vídeo **Warnes Aparte**, de Dario Arcella e Luis Campos (Argentina).

### XIX Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1992

Na programação da 19ª Jornada constavam o Concurso Afro Ibero Americano de filmes; a mostra 'A América Latina no seu V centenário'; uma retrospectiva dos documentários de Alberto Cavalcanti; Mostra de Arte e Vídeo, lançamento de livros; debates sobre o cinema na América Latina; uma homenagem a Nelson Pereira dos Santos com uma mostra de seus filmes; entre outros eventos do extenso programa do festival.

Os locais desse ano foram o ICBA, o ACBEU, a Escola de Belas Artes e a Sala Walter da Silveira esse circuito favoreceu o intercâmbio entre os produtores e participantes. Constavam na mostra competitiva 35 filmes e 48 vídeos nacionais e estrangeiros.

Uma das grandes discussões dessa edição foi a escassez de produções audiovisuais no Brasil e sobretudo na Bahia, que este ano participa da Jornada com apenas três produções: **No Olho da Rua**, de Tuna Espinheira, sobre meninos de rua; **Fragmentos**, de Agnaldo Siri de Azevedo, baseado no projeto Memória Viva de Camaçari e **José Silveira – Vida e Obra**, de Mônica Simões. Nenhum dos três foi selecionado para a mostra competitiva.

### **INTERCÂMBIO**

O diretor do Festival de Berlim, Hartmut Horst, apresentou na Jornada os melhores vídeos do festival desse ano e do ano passado. O destaque, segundo o diretor, é o avanço da computação gráfica nas produções experimentais.

Outra mostra da Jornada é o 'Declínio dos Muros – o declínio das utopias', coordenada por Hans-Joachim Schlegel, que também está selecionando filmes para participarem dos festivais de Nyon, na Suíça e

Obbenhausen. Schlegel escolheu exibir nesta XIX Jornada filmes de curta e média metragens que refletem a transição dos sistemas políticos com a então recente queda do Muro de Berlin.

## PRÊMIOS

- Tatu de Ouro foi dividido entre ***Que filme tu vai fazer?***, de Denoy de Oliveira e ***Hasta la Reina Isabel Baila el Danzon***, de Luis Felipe Bernaza que ganhou como melhor filme de temática relacionada aos 500 anos da América Latina.
- Melhor vídeo e melhor vídeo sobre o quinto centenário da América Latina ganharam respectivamente ***Opera Cólera***, de Marcelo Lima e Paulo Caldas e ***Los Dioses del Futuro***, de Lazaro Buria de Cuba.
- Tatu de Prata para o filme de média metragem ***Fronteiras Carajás***, de Edna Castro.
- Tatu de Prata de melhor filme de curta metragem para ***El Regalo***, de Freddy Siso da Venezuela.
- Tatu de Prata de melhor filme de ficção para ***A Última Canção da Terra***, de Luis Carlos Persegani
- Tatu de Prata de melhor documentário ficou com ***Cielo de Paz***, de Rodrigo Pulpeiro da Argentina.
- Tatu de Prata de melhor animação para ***Cesium***, de Daniel Schorr
- Tatu de Prata de melhor direção para Luis Felipe Bernaza de Cuba por ***Hasta la Reina Isabel Baila el Danzon***.
- Tatu de Prata de melhor fotografia ficou com Chico Botelho (in memoriam) por ***Fronteiras Carajás***.
- Tatu de Prata de melhor montagem ficou com Adriano Borges por ***Lapso***, de Marcos Guttaman.
- Tatu de Prata de melhor som ficou com Luiz Adriano pelo filme ***Amortecendo***, Cida Pfeifer.
- Tatu de Prata de melhor música ganharam Paulo Rafael e Zé Flauta no filme ***Crime da Imagem***, de Lírío Ferreira.

- Tatu de Bronze de revelação ficou com o filme **Boato – Uma Autodefinitude**, do grupo Boato  
Os vencedores na mostra de vídeo:
- Tatu de Prata de melhor vídeo experimental ganhou o filme **Fragmentos**, de Agnaldo Siri Azevedo.
- Tatu de Prata de melhor vídeo de ficção ficou com **Eu dirijo, Deus me guia**, de Rosane Maria Lima.
- Tatu de Prata de melhor animação foi para **Cuikíri**, de Wilson Lazarete e Maurício Squarisi
- Tatu de Bronze de vídeo revelação ganhou **Cuba – O Poder Popular**, de Hélio Doyle.
- Menção Honrosa ao vídeo **Alma de Pedra**, de Torquato Joel.

O Júri recomendou à coordenação da Jornada que no ano seguinte houvesse premiação para o melhor roteiro, fotografia e montagem na mostra de vídeos.

### XX Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1993

A Jornada Internacional de Cinema em sua vigésima edição tem como principal meta a integração das cinematografias latino americanas. Nestas duas décadas de existência, a Jornada se firmou como um espaço democrático de divulgação e estímulo do cinema independente internacional, sobretudo do Brasil e América Latina, marcando sua trajetória como um festival cinematográfico comprometido com o social, com o intercâmbio das cinematografias do terceiro mundo e com a criatividade inovadora que desponta em todo mundo.<sup>30</sup>

O evento este ano se dividiu entre o Teatro ACBEU, a Sala Walter da Silveira, o ICBA e a Fundação Gregório de Matos.

Na ampla programação estavam o Encontro de Cineastas e Videastas Baianos, nomes como Geraldo Sarno, Roberto Pires, Orlando Senna estiveram reunidos com jovens realizadores locais debatendo

---

<sup>30</sup> Projeto XXI Jornada Internacional de Cinema, 1994.

questões de realização e produção de imagens. Também parte da programação, a exposição retrospectiva 20 Anos de Jornada, através de jornais, fotografias, cartazes e outras peças.

No quesito mostras a 20<sup>a</sup> Jornada teve a dos Premiados de Oberhausen, a do Cine Venezuelano, do Cinema Brasileiro de Animação e a do Cinema Baiano – Memória. Na parte dos debates, uma das mais importantes foi a mesa-redonda que discutiu a Lei do Audiovisual e o Seminário Formas de Estímulo à Produção e à Distribuição de Vídeos Independentes que chegaram à conclusão que o realizador independente é penalizado pelo monopólio das TVs no mercado brasileiro, especialmente a TV Globo.

## **FILMES E VÍDEOS**

A vigésima Jornada teve em sua mostra competitiva 35 filmes concorrendo aos troféus Tatu de Ouro de melhor documentário, melhor ficção, melhor animação ou experimental e melhor documentário de longa-metragem. E aos Tatu de Prata de melhor direção, melhor roteiro, melhor fotografia, melhor montagem e melhor som. Todo o concurso, dividido em oito programas, foi sediado nas dependências do teatro ACBEU.

Na mostra de vídeos que esteve baseada no ICBA participaram 50 produções. Os vídeos concorreram aos prêmios Tatu de Ouro na nas categorias melhor vídeo documental, ficção, animação ou experimental e clipe musical. O Tatu de Prata foi destinado ao vídeo revelação.

## **COMPROMISSO**

Representantes da Bahiatursa, da Fundação Gregório de Mattos, da Fundação Cultural do Estado da Bahia, da Universidade Federal da Bahia, das secretarias públicas e entidades ligadas à cultura assinaram um termo de compromisso que reconhecia a importância da Jornada e necessidade de mantê-la.

## PRÊMIOS

No quesito homenagem, Cosme Alves Neto, diretor da Cinemateca do MAM, do Rio de Janeiro, recebeu das mãos de Guido Araújo um troféu homenagem pelo incentivo e amizade constantes ao longo dos 20 anos de Jornada.

O Prêmio Glauber Rocha, no valor de US\$ 2 mil, da Fundação Cultural do Estado da Bahia, oferecido ao melhor filme da Jornada ficou com **A Dívida da Vida**, de Octávio Bezerra (RJ). O Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, premiou **Rito Krahô**, de Heinz Forthmann, de Brasília, como melhor filme de pesquisa sociológica e antropológica. O Prêmio Jangada, da Organização Católica Internacional de Cinema, também foi outorgado a **Rito Krahô**.

Os outros prêmios:

- Tatu de Ouro de melhor filme documental - **Rita Krahô**, de Heinz Forthmann, de Brasília.
- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção – **O Jogo da Memória**, de Denise Vieira Pinto (SP).
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação – **Sirius**, de Alê Abreu (SP).
- Tatu de Ouro de melhor documental de longa metragem – **A Dívida da Vida**, de Octávio Bezerra (RJ).
- Tatu de Prata de melhor som ficou com Mário Maseti pelo filme **O Jogo da Memória**.
- Tatu de Prata de melhor montagem para Francisco Moreira e Marcos Mendes por **Rito Krahô**.
- Tatu de Prata de melhor fotografia ficou com Peter Lorenzo por **Desterro** (SC).
- Tatu de Prata de melhor roteiro ficou com Cesary Jawopsky e John Petrizzelli por **Falsas Histórias**, da Venezuela.
- Tatu de Prata de melhor direção foi para Ney Santana por **Cadê a Massa**, do Rio de Janeiro.

- Menção Honrosa a **Novela**, de Otto Guerra, do Rio Grande do Sul.
- Prêmio Especial do Júri para **Batman e Robin**, de Ivo Branco (SP).
- Menção Honrosa para Instituições que incentivaram o curta-metragem: Instituto Cultural Itaú e Departamento de Cinema da Universidade Fluminense.

Os premiados na categoria vídeo:

O melhor vídeo da XX Jornada foi **Sueño Tango**, de Guillermo Centeno, de Cuba. O Prêmio Diomedes Gramacho, no valor de US\$ 1 mil, da Fundação Gregório de Mattos, à melhor produção baiana ficou com **Troca de Cabeças**, de Sérgio Machado Santos.

Os outros prêmios:

- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental ficou com **Tereza**, de Caco Pereira e Kiko Goifmann (SP).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **Troca de Cabeças**, de Sérgio Machado dos Santos (BA).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de animação ou experimental ficou com **O Demiurgo**, de Denise Costa (SP).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo clipe musical ficou com **Corazón Sangrante**, da mexicana Ximena Cuevas.
- Tatu de Prata de revelação ficou com **Aquarela**, de Glauber Santos Paiva Filho (CE).
- Menção Honrosa para **Samydarsh: Os Artistas da Rua**, de Adelina Pontual e Marcelo Gomes (PE).

#### XXI Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1994

A XXI Jornada adiantou, através da mostra *100 Anos Lumière*, as comemorações do centenário do surgimento do cinema (que só acontece no final de 1995). Essa é “a principal programação de quantas já

passaram por todos esses anos de evento”.<sup>31</sup> Fazem parte da mostra os principais documentários franceses, desde a época dos irmãos Lumière até os dias atuais, evidenciando nomes como Joris Ivens, Jean Luc Godard, René Clair e Agnes Varda.

A programação segue dando sentido ao objetivo de integrar as cinematografias da América Latina, com a exibição de importantes filmes chilenos, como **La Cruz del Sur**, de Patricio Guszmam; de obras do cubano Santiago Alvarez e da presença do argentino Fernando Solanas (**Tangos – O exílio de Gardel**) que participa de um simpósio sobre o audiovisual no terceiro milênio.

Também parte do programa da 21ª Jornada a mostra de vídeo intitulada ‘10 anos do grupo Proceso’, que é uma produtora de vídeos chilena; a Mostra Especial de Cinema e Vídeo da Costa Rica; a mostra do cinema documentário de Patricio Guszman; a mostra ‘Vittorio de Seta, mestre do documentário’.

A programação paralela teve mesa redonda sobre as Redes Populares de Vídeo, debates com os participantes da Jornada, o colóquio ‘O Vídeo no espaço audiovisual latino americano: Produção, Promoção e Divulgação’, o simpósio ‘A opção democrática e soberana para a sociedade da comunicação no Terceiro Milênio e o futuro do cinema, vídeo e TV’ e mais lançamento de livros, palestras, conferências de imprensa, dentre outros no extenso programa do festival.

Essa edição da Jornada esteve concentrada no Canela, com eventos acontecendo na Reitoria da UFBA, na Escola de Belas Artes, na Faculdade de Comunicação e tendo alguns eventos especiais no Cine Tamoio, na Fundação Gregório de Mattos, nos Shoppings Centers, Sindicatos e Associações de Bairros de Salvador, além do Cinema Voador, que consta de um ônibus equipado com caixa de som e telão que exhibe filmes em 35 mm. em praça pública.

## **PRÊMIOS**

---

<sup>31</sup> Jornal da Jornada, setembro de 1994.

O grande vencedor dessa Jornada foi filme português **Os Salteadores**, de Abi Feijó, que levou o Prêmio Glauber Rocha, o mais importante do festival e dois mil dólares. **Os Salteadores** ganhou também o troféu Tatu de Ouro, como melhor filme de animação.

Na categoria vídeo o Prêmio Walter da Silveira e mais mil e duzentos dólares ficou com **Amores de Rua**, da carioca Eunice Gutman. Um Tatu de Ouro Especial foi ofertado à Coordenação de Cinema do IBAC/MINC, pelo “incentivo ao cinema cultural e independente no Brasil”<sup>32</sup>. O Prêmio Diomedes Gramacho para a melhor produção baiana ficou com o filme **Paixão e Guerra no Sertão de Canudos**, de Antônio Olavo.

O Troféu Jangada ficou com o filme **Babaçu**, de Lyonel Lucini (Brasília) e o Prêmio Paulo Emílio Salles Gomes para a melhor produção de pesquisa histórica, sociológica e antropológica, no valor de R\$ 2.160,00, foi para **Gramado, Três Décadas de Cinema**, de David Quintans (RS).

Os outros filmes premiados:

- Tatu de Ouro de melhor filme documental: **Babaçu**, de Lyonel Lucini (Brasília).
- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção: **El Tajo**, de Cristina Roschia (Argentina)
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação: **Os Salteadores**, de Abi Feijó (Portugal).
- Tatu de Ouro de melhor documentário de longa metragem: **Todo Y Nada**, do peruano Jose Alejandro Ramirez.
- Tatu de Ouro de melhor filme não ibero americano sobre a América Latina: **Esperando La Noche**, de Jordan Mechner (USA).
- Tatu de Prata de melhor direção: Bruno Viana por **Geraldo Voador** (RJ).
- Tatu de Prata de melhor roteiro: Edmundo Aray por **Simóm Bolívar, Esse Soy Yo** (SP).

---

<sup>32</sup> Informativo da XXI Jornada Internacional de Cinema da Bahia, setembro 1994

- Tatu de Prata de melhor fotografia: Kátia Coelho pelo filme **Rio de Janeiro, Minas** (SP).
- Tatu de Prata de melhor montagem: Manfredo Caldas por **Babaçu** (Brasília).
- Tatu de Prata de melhor som Jacques Morelenbaum por **Água Morro Acima** (RJ).

Os premiados na categoria vídeo:

- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental: **La Flaca Alejandra**, dos chilenos Carmen Castilho e Guy Girard.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção: **Pioneiros do Cinema**, de Wil e Werner Schumann (PR).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo educativo: **Pega Ladrão**, de Denoy de Oliveira (SP.)
- Tatu de Prata de vídeo revelação: **Anima**, de Jacyra Oswald (BA).
- Prêmio Especial do Júri: **Tem Que Ser Baiano?**, de Henri Gervaiseau (RJ).
- Menções Honrosas: **Elementais**, de Wolney de Oliveira; **1992 El Descubrimiento**, da venezuelana Liliane Blaser; **Pais de Gigantes**, de Tetê Moraes (RJ) e **Taking Aim**, de Mônica Frota (RJ).

## FÔLEGO

O acordo celebrado no ano passado, 1993, visando a permanência e ressaltando a importância da Jornada não surtiu efeito. A vigésima primeira edição do evento dava sinais de falta de fôlego, desorganização e de ser um festival em declínio.

Salas vazias, exibições que pecavam na qualidade técnica (o que o júri ressaltou em nota oficial), furos e programações canceladas atestaram que os anos de efervescência deram lugar à frustração. Frustração de cinedocumentaristas de peso como o cubano Santiago Alvarez, o chileno Patricio Guzmán e o argentino Fernando Solanas, além dos brasileiros, Wladimir Carvalho e Ney Sant'anna.

Na noite de encerramento, na reitoria da UFBA, houve constrangimento e desolação por parte dos presentes. No desfecho improvisado, onde muitos dos premiados nem estavam mais presentes, um desconcertado Guido Araújo fez um discurso como quem pede desculpas.

“Apesar de ter sido extremamente pobre, esta Jornada foi também extremamente rica...rica em poesia, porque este ano tivemos muitos cineastas presentes no evento.”

(Guido Araújo em discurso no encerramento da XXI Jornada).

## XXII Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1995

A XXII Jornada teve como sede o prédio da Faculdade de Medicina, a primeira do Brasil, no centro histórico. Dando seguimento a uma homenagem que começou na Jornada anterior, os 100 anos de Cinema receberam mais homenagens nesta edição. Junto ao centenário do cinema, a Jornada homenageia os 100 anos da psicanálise e os 100 anos da descoberta do Raio-X.

### **PROGRAMAÇÃO**

Foi aberta a XXII Jornada com a exibição de ***As Armas e o Povo***, filme, até então, inédito de Glauber Rocha sobre a Revolução dos Cravos em Portugal. O Concurso Ibero Americano de Cinema e Vídeo e o Mercado Internacional de Filme e Vídeo Independentes são os pontos chaves da programação do festival.

Concomitante com o concurso de filmes e vídeos, os simpósios. Nessa edição aconteceu o internacional, ‘Atomização a Informação Vital: Estratégias Alternativas’, com renomados convidados vindos dos Estados Unidos, de Cuba e da França.

Uma mostra em homenagem ao cinema africano; uma retrospectiva do cinema de animação português; a mesa redonda intitulada “40 anos da batalha pela liberação de Rio 40 Graus”; homenagem ao documentarista sueco Arne Sucksdorff; comemoração

dos 300 anos de Zumbi dos Palmares também fizeram parte do programa da Jornada.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha ficou com **Vala Comum**, do paulista João Godoy. O Prêmio Walter da Silveira de melhor vídeo do festival foi para **A Árvore dos Antepassados**, do moçambicano Licínio Azevedo e o Diomedes Gramacho, para melhor produção baiana, ficou com **Bagunçação**, do VideonúcleoBahia.

Os outros premiados:

- Tatu de Ouro de melhor documentário: **Now & Siempre**, de Anaiz Domingues (Cuba/Venezuela).
- Tatu de Ouro de melhor ficção: **That's a Lero Lero**, de Lírio Ferreira e Amin Stepple (PE)
- Tatu de Ouro de melhor animação: **Molecagem**, de Maurício Squarisi (SP).
- Tatu de Ouro de melhor documentário de longa metragem: **Yndio do Brasil**, de Silvio Back (PE).
- Tatu de Ouro de melhor filme não ibero americano sobre a América Latina: **Cruceros (Crossroads)**, de Ramiro Puerta, do Canadá.
- Tatu de Prata de melhor direção para o português Fernando Fragata pelo filme **Amor e Alquimia**.
- Tatu de Prata de melhor roteiro para Helena Taberna, da Espanha, pelo filme **Alsuasua 1936**.
- Tatu de Prata de melhor montagem para Roberto Pires no filme **Explosão Aborígene** (DF).
- Tatu de Prata de melhor fotografia para Geraldo Moschione, da Espanha, pelo filme **O Desexo**.
- Menção Especial do Júri para **O Encanto**, de Regina Jehá (SP); que ganhou também o Tatu de Prata de melhor som (Romeu Quinto).

- Prêmio Especial do Júri para **O Amor Não Acaba às 15h30**, de Enrique Chediak (CE).  
Os premiados em vídeo:
- Tatu de Ouro de melhor documentário para **A Fibra da Floresta**, do paulista Eliseu Ewald.
- Tatu de Ouro de melhor ficção para **Bianca**, de Juan Pablo Lacroze, da Argentina.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo experimental para **O Grito**, do baiano Marcondes Dourado.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo musical para **Oficina de Pesquisa e Construção de Instrumentos Musicais**, de Ana Cláudia Porto (DF).
- Tatu de Ouro para o vídeo **Hablando com el Inimigo**, de Nitza Kakoseos (Suécia), como melhor vídeo não ibero americano sobre a América Latina.
- Prêmio Revelação para **Divino Cem Vezes Divino**, de Berto Bartagna, de Rondônia.
- O Prêmio Jangada, oferecido pela Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC), ficou com **Os Onze de Curitiba**, vídeo de Valêncio Xavier (PR).
- Menções Honrosas para **Josué Castro, Cidadão do Mundo**, vídeo de Silvio Tandler e **Vala Comum**, filme de João Godoy.

### XXIII Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1996

Na sua 23ª edição a Jornada prestou homenagens aos 50 anos de fundação da Universidade Federal da Bahia. Toda a temática do festival girou em torno da trinca – Universidade, Cinema e Vídeo, cuja proposta era a de interpretar a relação entre Cinema e Universidade no Brasil.

Nesse contexto, abranger as relações existentes entre cada uma das partes. Abarcando aspectos como interações existentes, formação técnica e conteudística, formulações e estudos históricos,

interpretativos, exercícios de crítica, produção e divulgação, exibição e formação de públicos, etc.

Outro jubileu comemorado foi o do filme **O Ébrio**, de Gilda Abreu, com Vicente Celestino, um dos filmes de maior bilheteria de uma época que se condicionou chamar de romântica para o cinema. O filme foi exibido na Praça Campo Grande, através do Cinema Voador, que mais uma vez participou da Jornada.

Dentro da programação paralela da Jornada, a mostra A Nova Produção Brasileira com filmes cuja temática guardam ligação com a da Jornada. No programa os filmes: **O Lado Certo da Vida Errada**, de Octávio Bezerra; **As Meninas**, de Emiliano Ribeiro; **Corisco e Dadá**, de Rosemberg Cariri; **No Rio das Amazonas**, de Ricardo Dias; **Sombras de Julho**, de Marcos Alteberg e **Cinema de Lágrimas**, de Nelson Pereira dos Santos.

Na parte das discussões, a mais importante dessa Jornada foi o debate entre realizadores de cinema e vídeo e secretários de cultura de vários Estados para a criação de meios de desenvolver o cinema nacional. O encontro intitulado *Política Cultural e Cinema* discutiu o momento atual do cinema e as possibilidades de um trabalho integrado para fortalecê-lo.

Na mostra competitiva da Jornada, a novidade foi a criação do Troféu Mercosul/Grupo Brasil a ser entregue ao melhor filme ou vídeo produzido por países integrantes do Mercosul. Ao todo são entregues na Jornada 18 Tatus, mais o prêmio Glauber Rocha ao melhor filme da Jornada, o prêmio Walter da Silveira para o melhor vídeo, o Diomedes Gramacho para a melhor produção baiana e o Troféu Jangada, outorgado pela Organização Católica Internacional de Cinema a filmes e vídeos que “se distinguem pela defesa dos valores humanos e éticos”. O Júri pode conceder um prêmio especial e uma menção honrosa, mas não estão obrigados a conferir todos os prêmios.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha ao melhor filme da XXIII Jornada ficou com o filme ***Estória do Gato e da Lua***, de Pedro Serrazina e o Walter da Silveira de melhor vídeo foi para ***Yākwa, O Banquete dos Espíritos***, de Virgínia Valadão. O Prêmio Diomedes Gramacho ficou com ***Mr. Abracadabra***, de José Araripe Júnior.

Os outros premiados com os Tatu de Ouro, Prata e Bronze:

- ***Quarto de Empregada***, de Luci Alcântara.
- ***O Capeta Carybé***, de Agnaldo Siri Azevedo.
- ***Malajunta***, de Eduardo Aliverti, Pablo Milstein e Javier Rubel.
- ***A Alma do Negócio***, de José Roberto Torero.
- ***Criaturas que Nasciam em Segredo***, de Chico Teixeira.
- ***Brevíssima História das Gentes de Santos***, de André Klotzel.
- ***Jame de Nevares, Ultimo Viaje***, de Marcelo Céspedes e Carmen Guarini.
- ***Estrela de Oito Pontas***, de Fernando Diniz.
- ***Garnarse el Cielo***, de Alfredo Bejar.
- ***Tumbe***, de Carlos Reye Lima.
- ***Fado Lusitano***, de Abi Feijó.
- ***Al Corazón***, de Mario Sabato.
- ***Hambre Hombre***, de Camilo Cavalcanti.
- ***A Guerra da Água***, de Licínio Azevedo.

#### XXIV Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1997

Sob ótica de seu lema Por um Mundo mais Humano, a Jornada de 1997 teve como enfoque principal em sua programação informativa o jovem cinema da África negra. “Dentro da característica de festival independente, que procura privilegiar a revelação de cinematografias emergentes e comprometido com o social, a vigésima quarta Jornada

almeja ser um espaço especial para a promoção do cinema africano contemporâneo”.<sup>33</sup>

Para o concurso de filmes concorreram 58 títulos e em vídeo 55 produções. Na mostra internacional foram 26 filmes. Um total de 23 prêmios foram concedidos, tendo como novidade o Prêmio Banco do Nordeste de Cinema, no valor de R\$ 20 mil, para o melhor filme escolhido por um júri especial.

O destaque foi a abertura onde foi exibido o mais antigo filme em cores sobre a cidade de Salvador. O filme, **Salvador**, é de autoria do cineasta amador e médico Fritz Lauro, de 1940, e sofreu um minucioso processo de restauração em laboratórios de Nova Iorque e do Canadá, através da Cinemateca do MAM do Rio de Janeiro. É um curta de dez minutos cujo valor histórico está nas imagens preciosas de locais da cidade, como o Mercado Modelo e os bondes passando.

Na programação: o concurso Afro Ibero Americano de Cinema e Vídeo, homenagens – dentre outras, aos 150 anos do nascimento de Castro Alves; ao ator baiano Milton Gaúcho, um dos mais antigos e principais atores do cinema baiano; ao cineasta africano Ousmane Sembéne e a Agnaldo Siri Azevedo, cineasta baiano mais premiado na Jornada e falecido recentemente.

Também dentro da programação do festival as mostras: ‘A Nova Cara do Cinema Brasileiro’, ‘O Jovem Cinema que vem da África’ e a mostra de filmes de Michael Regnier, o “documentarista do terceiro mundo”. O Mercado Internacional de Filme e Vídeo Independente, lançamento de livros, mesa redonda sobre as perspectivas dos meios audiovisuais na África e mais um debate sobre o Mercosul e as possibilidades para produção e veiculação da criação cinematográfica foram pontos marcantes no programa da Jornada.

Outro fruto da Jornada de 1997 foi a criação do Birô de Cinema e Vídeo. O Birô foi inspirado na Associação Internacional de Film Commissioners (AFIC), criada em 1975, para servir às crescentes necessidades das produções de cinema e TV.

---

<sup>33</sup> Projeto da XXIV Jornada Internacional de Cinema, documento enviado à Fapex.

## PRÊMIOS

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com a produção ***Enigma de Um Dia***, de Joel Pizzini. O Prêmio Walter da Silveira de melhor vídeo foi para ***À Margem da Luz***, de Torquato Joel e Marcus Vilar.

Os outros filmes e vídeos premiados:

- ***Babavida – A Cidade de Cabeça pra Baixo***, de Adlez Paz, Henrique Dantas, Carolina Sá.
- ***O Sonho de Rose***, de Tetê Moraes.
- ***Vete de Mi***, de Alberto Ponce.
- ***Vox Populi***, de Marcelo Laffitte.
- ***Pobre é quem não tem Jipe***, de Amauri Tangará.
- ***Burro sem Rabo***, de Sérgio Bloch.
- ***Posta Restante***, de Janaina Diniz Guerra.
- ***O Arraial***, de Otto Guerra e Adalgisa Luz.
- ***A Brincadeira dos Cocos***, Elisa Maria Cabral.
- ***A Origem dos Bebês segundo Kiki Cavalcante***, de Anna Muylaerte.
- ***Yo Soy del Son à la Salsa***, de Rigoberto López Pego.
- ***Campo Branco***, de Telmo Carvalho.
- ***DIB***, de Márcia Derraik Barbosa.
- ***Enjaulado***, de Kleber Mendonça Filho.
- ***Oswaldo Cruz***, Dainara Toffoli.
- ***Caballo Loco – Uma História a 12 Rounds***, de Pacho Guerty.

### XXV Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1998

O Jubileu de Prata da Jornada foi comemorado com uma programação rica em homenagens, retrospectivas além de balanços e

reflexões sobre o longo caminho até o ano de número 25. Na 25ª Jornada, 35 filmes e 36 vídeos participaram da mostra competitiva.

No programa do festival, uma mostra retrospectiva dos filmes que ganharam o Prêmio Glauber Rocha, o mais importante do evento. No quesito homenagens uma das que mais sensibilizaram os *jornadeiros* foi a feita ao cineasta senegalês Djibril Diop Mambety, morto a dois meses do início dessa Jornada. O cineasta havia feito sua estréia no evento em 1997, quando foram exibidos uma mostra de filmes africanos e de sua filmografia foi exibido **Hienas**, também exibido em Cannes. O filme é baseado em **A Visita da Velha Senhora**, do suíço Friedrich Dürrenmatt, porém Mambety o adaptou à dura realidade de um povoado perdido na imensidão da África.

Outros homenageados foram os cineastas Serguei Eisenstein e Joris Ivens e o dramaturgo alemão Bertold Brecht em participações como roteirista, em **Fritz Lang** e **Os Carrascos também Morrem**, e como diretor em **Kuhle Wampe**. Um seminário discutiu a importância das três personalidades para o cinema mundial.

A Jornada homenageou os 40 anos do **Tire Die** (atire dez centavos), o média-metragem que o argentino Fernando Birri realizou com seus alunos em Santa Fé e que se transformou num marco do novo cinema latino americano.

Um evento de destaque dentro das comemorações dos 25 anos da Jornada foi a mesa redonda com direito a depoimento do cineasta Nelson Pereira dos Santos sobre os primeiros anos de sua carreira e os filmes que realizou na Bahia, como **Tenda dos Milagres** e **Mandacaru Vermelho**. Outras exibições foram a pré-estréia nacional do filme **O Auto da Leidiana**, de Rosemberg Cariri, na abertura do festival e o curta metragem **A Mãe**, de Umbelino Brasil e Fernando Bélens, a obra é um registro de memórias e sentimentos de Lúcia Rocha mãe de Glauber, com exibição hors concours na programação do festival.

Assim como Nelson Pereira dos Santos, outras figuras importantes prestigiaram os 25 anos da Jornada. A crítica francesa Sylvie Pierre, autora de um livro sobre Glauber Rocha, o escultor Franz

Krajceberg, homenageado no evento com a exibição de dois filmes do cineasta Walter Salles – **Franz Krajceberg** e **Socorro Nobre**, o cineasta argentino Geraldo Vallejo, os pesquisadores italianos Sergio Michelli e Giacomo Gambetti e o embaixador Lauro Moreira, diretor do Departamento Cultural do Itamaraty.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha ficou com o filme **Novembrada**, de Eduardo Paredes. O Walter da Silveira foi para **Desafio no Inferno Verde: A Ferrovia do Diabo**, de Beto Bertagna. O Prêmio Diomedes Gramacho e o Prêmio Quanta foram para o filme **Penitência**, de Joel Almeida.

Os outros premiados:

- Tatu de Ouro de melhor filme documental para **Histórias de Avá – O Povo Invisível**, de Bernardo Palmeira.
- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção para **Todo Dia Todo**, de Flávio Frederico.
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação para **Castelos de Vento**, de Tânia Anaya.
- Tatu de Ouro de melhor documentário de longa para **Tinta Roja**, de Carmem Guarine e Marcelo Céspedes.
- Tatu de Prata de melhor direção para Flávio Frederico pelo filme **Todo Dia Todo**.
- Tatu de Prata de melhor roteiro para Wladimir Carvalho e Manfredo Caldas pelo filme **Negros de Cedro**.
- Tatu de Prata de melhor fotografia para Jane Malaquias no filme **A Árvore da Miséria**.
- Tatu de Prata de melhor montagem para Mair Tavares no filme **Semião Martiniano, o camêlo do cinema**, de Clara Angélica e Hilton Lacerda.
- Tatu de Prata de melhor som para José Moreau Louzeiro no filme **Novembrada**.

- Tatu de Prata de melhor música para Didier Guigui no filme **A Árvore da Miséria**.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental para **Milton da Costa – Íntimas Construções**, de Mário Carneiro.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **Rosa de Sangue**, de Melina Hickinson.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo experimental para **El Tenedor de R**, de Pablo Romano.
- Prêmio de Melhor Ator e Atriz respectivamente para Lima Duarte, em **Novembrada**, e Soia Lira por **A Árvore da Miséria**.
- Prêmio Especial do Júri para o filme **Milton Dacosta**, de Mário Carneiro.
- Menção Honrosa para o filme de animação **La Noche**, de Tomás Welss.

#### XXVI Jornada Internacional de Cinema da Bahia 1999

Dentro das comemorações dos 500 anos do Brasil, a vigésima sexta Jornada teve como proposta fazer um ‘panorama audiovisual da integração afro-luso-brasileira’. Foram 76 filmes e 120 vídeos inscritos para o concurso afro ibero americano da Jornada

A Jornada de 1999 se dividiu entre as Salas Walter da Silveira e Alexandre Robatto, nos Barris (além do auditório da Biblioteca Pública), o Cinema do Museu, o auditório do CEPLAC e o ICBA - Instituto Cultural Brasil Alemanha, no Corredor da Vitória, e o CEAO, no Terreiro de Jesus. O Forte São Diogo, no Porto da Barra e o Forte de Mont Serrat, também serviram de cenário para o festival.

Na programação principal o concurso de filmes e vídeos, com obras vindas do Brasil, países latino americanos, africanos e de alguns países europeus. Na programação paralela, o Panorama Atual do Cinema Independente da América Latina, Caribe e União Européia, o lançamento do livro do cineasta argentino, Fernando Birri, um

homenagem póstuma ao cineasta Denoy de Oliveira, e mais palestras, simpósios, mesas redondas, mostras especiais.

A mostra de filmes do cineasta gaúcho Licínio Azevedo, que vive há 23 anos na África e é considerado atualmente o mais importante realizador de Moçambique foi um dos destaques na programação paralela da Jornada. Azevedo hoje é internacionalmente premiado e dono de um estilo peculiar, a que chamaram de "docudrama", em que o documentário e o drama ficcional se entrelaçam. Na mostra quatro filmes, dois deles inéditos no Brasil: ***A Árvore dos Antepassados***, ***A Guerra da Água***, ***Tchuma-Tchato*** e ***Mariana e a Lua***, esses dois últimos inéditos no país. “A forma incomum de seus filmes já dificultou sua entrada em alguns festivais, mas sempre teve o apoio da Jornada Internacional de Cinema da Bahia, livre do caráter comercial de tantos outros festivais nacionais e internacionais”<sup>34</sup>.

Também entre as mostras da XXVI Jornada a mostra de documentários franceses; a mostra 500 anos afro luso brasileiro – com filmes como ***O Cineasta da Selva***, de Aurélio Michilis, ***Como Era Gostoso o Meu Francês***, de Nelson Pereira dos Santos, ***Descobrimento do Brasil***, de Humberto Mauro e ***Na Rota dos Orixás***, de Renato Barbieri e de Portugal, ***Conversa Acabada***, de João Botelho -; a mostra 40 anos da Revolução Cubana e a mostra Na Rota dos Descobrimentos.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com ***Estou Perto***, do português Sandro Aguillar. O Prêmio Walter da Silveira ofertado ao melhor vídeo foi para ***Leviatã***, de Camilo Santos Cavalcanti (PE). O Prêmio Diomedes Gramacho para a melhor produção baiana ficou com o filme ***Rádio Gogó***, do baiano Araripe Jr. O Troféu Jangada na categoria filme foi para ***Cine Mambembe***, ***O Cinema Descobre o Brasil***, de Laís Bodansky e Luís Bolognesi (SP) e na categoria vídeo foi para ***Xicão Xucuru***, de Nilton Pereira (PE).

Os outros premiados em filme:

---

<sup>34</sup> Do site <http://geocities.com/jornadaba/26apresenta.html>

- Tatu de Ouro de melhor filme documental para **Uma Nação de Gente**, de Margarita Hernandez e Tibico Brasil (CE).
- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção para **Senhor Jerônimo**, de Ines de Medeiros, de Portugal.
- Tatu de Ouro de melhor filme experimental **Três Monos**, de Carmem L'Roche, da Venezuela.
- Tatu de Prata de melhor direção para Gilson Vargas (RS) no filme **Até**.
- Tatu de Prata de melhor roteiro para Pedro Alves no filme **Vou te Encontrar Vestida de Cetim** (SP) .
- Tatu de Prata de melhor fotografia para Roberto Santos Filho no filme **Náufrago** (SP).
- Tatu de Prata de melhor montagem para Alberto Gómez com o filme **Fosa Comum**, da Venezuela.
- Tatu de Prata de melhor música para Bernardo Devlin no filme **A Testemunha**, de Portugal.

Os premiados na categoria vídeo:

- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental para **Luiz Gonzaga, A Luz dos Sertões**, de Rose Maria (PE).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **Leviatã**, de Camilo Santos Cavalcante (PE).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de animação **Erehé Krenak**, de Nívia Dias e Alessandro Carvalho (MG).
- Prêmio Brasil/Mercosul (prêmio que simboliza o espírito de integração entre os povos dos países membros do Mercosu) ficou com o cineasta argentino Fernando Birri.
- Prêmio Quanta para a melhor produção baiana em filme ou vídeo ficou com **A Rua: O Bicho da Cara Preta**, vídeo de John Lima de Oliveira.
- Prêmio Especial do Júri foi dividido para **Bubula – O Cara Vermelha**, de Luís Eduardo Jorge (SP), **A História de Amor em**

**16 Quadros por Segundo**, de Fernando Spencer e Amin Stepple Hiluey (PE) e **Rádio Gogó**, de Araripe Jr (BA).

- Menção Honrosa para **Xicão Xucuru**, de Nilton Pereira (PE) e **Segredos de Amor**, de Eunice Gutman (RJ).
- Prêmio Júri Popular do Ministério da Cultura para **El Siglo del Vento**, de Fernando Birri, da Argentina.

Também foram premiados o produtor baiano, Moisés Augusto, “como mais dinâmico produtor baiano” e o artista plástico Chico Liberato, “pela sua concepção criadora em dar vida aos cartazes da Jornada ao longo da história do Festival”, ambos receberam prêmios do Ministério da Cultura. Os atores Eduardo Silva, de **Vou Te Encontrar Vestida de Cetim** e Gilberto Gawronski, de **Dama da Noite**, receberam o Prêmio Especial Interpretação.

#### XXVII Jornada Internacional de Cinema da Bahia 2000

A vigésima sétima Jornada deu seguimento às comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil e aos 40 anos do documentário paraibano **Aruanda**, um marco do documentário nordestino. Nesta edição, o evento contou com a colaboração e iniciativa da Fundação Ulisses Guimarães, ao criar o Prêmio Aruanda de Cinema para ser concedido no âmbito da Jornada.

A Jornada do ano 2000 também prestou homenagens ao centenário de nascimento do cineasta francês, Luis Buñel, ao ator Othon Bastos e exibiu um programa especial intitulado ‘Recordando Zé Ketti’.

Na programação paralela, o Mercado de Filmes e Vídeos Independentes; uma mostra de filmes franceses; uma mostra de filmes curtas alemães e a ‘Caravana Farkas’, uma mostra de filmes dos cineastas Thomaz Farkas, Geraldo Sarno, Paulo Gil Soares, Sérgio Muniz, Guido Araújo e Eduardo Escorel.

## PRÊMIOS

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com **O Rap do Pequeno Príncipe contra as Almas Sebosas**, de Paulo Caldas e Marcelo Luna (PE), que recebeu também o Troféu Jangada. O Prêmio Walter da Silveira para o melhor vídeo da Jornada foi para **O Relógio & A Bomba e os Outros 500**, de Cireneu Kuhn (SP). A OCIC que oferece o Troféu Jangada não premiou nenhum vídeo nesta Jornada mas chamou atenção para duas obras **Uma Assembléia Ticuna**, de Bruno Pacheco de Oliveira (RJ) e **O Relógio & A Bomba e os Outros 500**, de Cireneu Kuhn (SP).

O Tatu de Ouro de melhor filme documental ficou com **Positivo**, de Pilar Garcia Elegido, da Espanha. O Júri da Jornada nessa edição não atribuiu prêmio nas categorias melhor filme de ficção, de animação ou experimental, melhor documentário de longa metragem, melhor direção, roteiro, montagem, som, fotografia e música.

Na categoria vídeo o Tatu de Ouro de melhor vídeo documental ficou com **Seguir Siendo**, de Ana Zanotti, da Argentina; o melhor vídeo de ficção foi **O Rio da Minha terra**, de Vicentini Gomes (SP); o Tatu de Ouro de melhor vídeo de animação ficou com **Willian Wilson**, de Jorge Dayas, da Espanha e o melhor vídeo experimental foi **Cildo Meirelles: Gramática do Objeto**, de Luis Felipe Sá (RJ). O Tatu de Prata de revelação não foi ofertado nessa edição do evento.

O Prêmio Grupo Brasil/Mercosul ficou com o documentário **Padre Mugica**, de Gabriel Marioto, da Argentina. O Prêmio Quanta foi para o filme **Vote Roberfino**, de Caô Cruz Alvez (BA). O Prêmio da Associação Baiana de Cinema e Vídeo (ABCV) ficou com o documentário **Testemunhas Silenciosas, Ruínas do Recôncavo**, de Claude Santos (BA). O Júri da Jornada também não escolheu o vencedor do recém criado Prêmio Aruanda, um fato inédito na longa história da Jornada.

## XXVIII Jornada Internacional de Cinema 2001

De 12 a 19 de setembro nas cercanias do o Corredor da Vitória e o Pelourinho aconteceu a vigésima oitava Jornada que teve como principal homenageado o escritor Jorge Amado, que havia falecido em agosto daquele ano. Dentro das homenagens uma retrospectiva de filmes e vídeos baseados na obra do escritor, exposição temática da ligação de Amado com o cinema e outras artes, debate sobre literatura e cinema com enfoque na obra de Jorge Amado.

Na programação da XXVIII Jornada constava uma retrospectiva de filmes e vídeos premiados em outros festivais; a mostra Recordando Roberto Pires; uma homenagem ao cineasta baiano com exibição de alguns de seus filmes como **A Grande Feira** e **Tocaia no Asfalto**. Outra mostra dessa Jornada foi a intitulada Curta Peninsular na Jornada da Bahia, O Cinema Italiano através do Festival de Trevignano.

O centenário de nascimento de Adhemar Gonzaga foi comemorado com a exibição do filme **Romance Proibido**. A mostra Franceses no Brasil exibiu filmes como **The Babilés Mystery**, filme que mostra o bailarino Jean Babilés em grandes performances e conta com um depoimento do grande dançarino francês. Outro filme exibido nessa mostra foi **Carnets Brésiliens**, uma visão do Brasil nos anos difíceis da ditadura militar, narrada pelo cineasta francês Pierre Kast. Kast é um grande estudioso do nosso país. O filme contém inúmeras conversas com Vinicius de Moraes, Ruy Guerra, Edú Lobo, Luiz Eça, Nara Leão, Oscar Niemeyer, Italo Campofiorito, Roberto Campos e 15 "jovens" cineastas do cinema novo, entre eles Nelson, Glauber, Luis Carlos Barreto, Walter Lima, David Neves, entre outros.

### **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com **A Canga**, do paraibano Marcus Vilar. O Prêmio Walter da Silveira para o melhor vídeo da Jornada foi para **Raízes Fortes**, de Maria Luíza

Mendonça. O Diomedes Gramacho para a melhor obra produzida na Bahia ficou com o vídeo de Joel Almeida, **A Resistência do Sonho**. O Troféu Jangada foi para **Patativa**, de Ítalo Maia (CE).

Os outros premiados:

- Tatu de Ouro de melhor filme documental para **Urbania**, de Flávio Frederico (SP).
- Tatu de Ouro de melhor filme ficção **O Velho, O Mar e O Lago**, de Camilo Cavalcante (RJ).
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação ou experimental para **Patativa**, de Ítalo Maia (CE).
- Tatu de Ouro de melhor documentário de longa metragem para **Imperatriz do Carnaval**, de Medeiros Schultz (RJ).
- Tatu de Prata de melhor direção para Camilo Cavalcante no filme **O Velho, O Mar e O Lago**.
- Tatu de Prata de roteiro para Nana Castro no filme **A História Real**, de Andrea Pasquini.
- Tatu de Prata de melhor montagem para André Sampaio no filme **O Velho, o Mar e o Lago**.
- Tatu de Prata de melhor fotografia para Walter Carvalho no filme **A Canga**, de Marcus Villar.
- Tatu de Prata de melhor som para Ignácio Royo no filme **Mi Pátio**, de Rafael Tanche.
- Tatu de Prata de melhor música para Luiz Assunção no filme **Adeus Praia de Iracema**, Iziane Filgueiras Mascarenhas.
- Tatu de Prata de melhor ator para Cosme Soares no filme **O Velho, o Mar e o Lago**.
- Tatu de Prata de melhor atriz para Célia Ribeiro no filme **Traste**, de Nivaldo Lopes (PR).

Os premiados na categoria vídeo:

- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental para **Silva**, de Beto Sporkens (SP).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **Horizonte Vertical**, de Lula Oliveira (BA).

- Tatu de Ouro de melhor vídeo de animação ou experimental para **El Jefe Y El Carpintero**, de Walter Tournier.
- Tatu de Prata de revelação para **Choro Novo**, de Luis Henrique Gazolla (RJ).
- Prêmio Grupo Brasil/Mercosul para **Presos**, de Fernando Weller (RJ).
- Menções Honrosas para **Bendita TV**, de Marcelo Muller; **Polaco da Nhanha**, de Eloi Pires Ferreira; **Perdemos de Um a Um**, de Patrícia Moran e **Retrato Pintado**, de Joe Pimentel.

### XXIX Jornada Internacional de Cinema da Bahia 2002

O destaque da 29ª Jornada foi o intercâmbio entre os cinemas italiano e brasileiro, um seminário sobre a influência do neo-realismo italiano no cinema brasileiro foi o ponto alto dessa mostra. O encontro batizado de 'Itália, porta de entrada do novo cinema latino americano na Europa' exibiu através de filmes e depoimentos a importância que o cinema italiano teve para a projeção e consolidação do Cinema Novo e de todo cinema da América Latina.

Cem filmes e vídeos participaram do concurso afro ibero americano representando 18 países e 15 estados brasileiros. Todos os filmes foram exibidos no Cinema do Museu, no Corredor da Vitória, e os vídeos no ICBA. Nas salas Walter da Silveira e na de Arte do Baiano de Tênis aconteceram as mostras especiais da Jornada. Os debates e palestras foram realizados na Fundação João Fernandes da Cunha. Outro espaço utilizado foi o Teatro Irdeb para as produções realizadas especialmente para a TV.

Na programação paralela, a mostra intitulada De Olhos Abertos para o Mundo, em homenagem ao jornalista assassinado Tim Lopes aconteceu paralela ao simpósio Caminhos do Documentário Hoje: No Brasil e no Mundo. Também o debate sobre os caminhos do cinema baiano e brasileiro e os festivais de cinema fez o público relembrar as

antigas e acaloradas discussões que costumavam acontecer nas primeiras jornadas.

Foram exibidos, também dentro da programação paralela do evento, os filmes **Conversações com os Nuba**, de Arthur Howes e **Circus Baobah**, de Laurent Chevalier. Esses filmes são considerados obras singulares por mostrarem a realidade atual do continente africano. Para exibí-los a coordenação da Jornada teve o apoio da Fundação Palmares.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com **À Margem da Imagem**, do paulista Evaldo Mocarzel. O Prêmio Walter da Silveira para o melhor vídeo do festival foi para **Casamento Quilombola**, de Marcelo Domingues. O Prêmio Diomedes Gramacho ficou com a obra **Ocupar, Resistir, Produzir**, uma produção Brasil/Suécia dirigido por Lars Gerhard Westman.

Os outros premiados:

- Tatu de Ouro de melhor filme documental para **Clandestinos**, de Patrícia Moran.
- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção para **Mutante**, de Rossana Foglia e Rubens Rewald.
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação ou experimental **O Lobisomem e o Coronel**, de Ítalo Cajueiro e Elvis Kleber.
- Tatu de Ouro de melhor documentário de longa para **Juazeiro – A Nova Jerusalém**, de Rosenberg Cariri.
- Tatu de Prata de melhor direção para Alicia Puig no filme **No Penso Volver**.
- Tatu de Prata de melhor roteiro para Edson e Luciana Coelho no filme **O Fim do Ciúme**.
- Tatu de Prata de melhor montagem para Marcelo Moraes no filme **À Margem da Imagem**, de Evaldo Mocarzel.

- Tatu de Prata de melhor fotografia para David Molina no filme **Tequila.Com**, de Mique Beltran.
  - Tatu de Prata de melhor som para Eduardo Mendes no filme **Mutante**, de Rossana Foglia e Rubens Rewald.
  - Tatu de Prata de melhor música para Marcelo Guima no filme **O Lobisomem e o Coronel**, de Ítalo Cajueiro e Elvis Kleber.
- Os premiados na categoria vídeo:
- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental para **De Mi Alma Recuerdos**, de Lourdes de Los Santos Matos.
  - Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **Quase Cinema**, de Adriano Lírio.
  - Tatu de Ouro de melhor vídeo experimental ou de animação para **Com Passos de Moenda**, de Elisa Maria Cabral.
  - Tatu de Prata de revelação para **Marangmotxingno Mirang, das Crianças Ikpeng para o Mundo**, de Natuyn Yuwipo e Kumaré Txicão.
  - Troféu Jangada para **Juazeiro – A Nova Jerusalém**, de Rosemberg Cariri.
  - Prêmio Grupo Brasil/Mercosul para **450**, de Dario Doria.
  - Prêmio Quanta para **Lua Violada**, de José Humberto.
  - Menções Honrosas para **Paulo José: Um Auto-Retrato Brasileiro**, de Joel Pizzini e para **Viaje**, de Marcelo Gaetes Ardiles.

### XXX Jornada Internacional de Cinema da Bahia 2003

Os trinta anos da Jornada foram comemorados seguindo o lema Por um Mundo mais Humano e celebrando a paz entre os povos no mundo. E, ao lado dos 30 anos da Jornada, também foram comemorados os 30 anos da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) e os 30 anos da existência do cinema de animação na Bahia.

Das comemorações dos trinta anos do evento fizeram parte as exposições fotográficas – As Jornadas que eu vi, por Thomas Farkas e Jornada-Imagens de Jornal, por Maria do Rosário Caetano e uma terceira exposição histórica dos 30 anos do evento; o encontro dos 30 anos da ABD, o seminário A Temática Nordeste utilizada por cineastas de outras regiões; o Cinema Voador, um ônibus equipado com telão para exibir filmes em locais públicos. O cinema na praça já foi destaque em Jornadas anteriores.

Dando seguimento ao debate que se iniciou na Jornada anterior, De Olhos Abertos para o Mundo da Atualidade, prestou uma homenagem ao diplomata Sérgio Vieira de Mello (assassinado na sede da ONU em Bagdá) e exibiu, após o colóquio, três documentários - um sobre a Faixa de Gaza (***The Killing Zone***, de Rodrigo Vasquez), o segundo intitulado ***Sob o Céu de Bagdá***, de Stefano Scialotti e Mario Balsamo e o terceiro ***Operação Condor***, também do argentino Rodrigo Vasquez sobre o plano de extermínio de opositores concebido pelas ditaduras do cone Sul na década de 70, fechando a programação comemorativa.

Na retrospectiva da Jornada alguns filmes que marcaram o evento foram exibidos. Entre eles, ***Em Nome da Razão***, de Helvécio Ratton; ***Leucemia***, de Noilton Nunes; ***O Rei do Cagaço***, de Edgar Navarro; ***Hermeto Campeão***, de Thomas Farkas; ***Carros de Boi***, de Humberto Mauro; ***O Capeta Carybé***, de Agnaldo Siri de Azevedo; ***Noel Nutels***, de Marcos Altberg, entre outros.

Na programação paralela também se destacaram a mostra Mario Cravo – 80 anos; a mostra da Nova Produção Audiovisual Baiana, onde foram exibidos filmes como ***Fragmentos***, de Marcos Fausto; ***A Porta da Rua***, de Ana Rosa Marques, Cynthia N. e Danilo Scaldaferrri e ***Terra Mater: A Natureza da Costa do Dendê***, de Isana Pontes. Outra mostra dentro da trigésima Jornada foi a intitulada Escolas e Oficinas: Incentivo e uma Mostra Informativa composta de sete documentários que tratavam de temas como o Fórum Social Mundial, a formação e a

origem da cultura brasileira e os problemas enfrentados pelos portadores de hanseníase, entre outros.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com o uruguaio ***A Pesar de Todo***, de Walter Tournier. O Prêmio Walter da Silveira para o melhor vídeo ficou com ***Obreras Sin Patron***, do Grupo Kino-Nuestra Lucha. O Prêmio Diomedes Gramacho foi entregue a Roberto Gaguinho pelo vídeo ***Cid Teixeira, A Enciclopédia da Bahia***. Um prêmio especial Jornada 30 Anos foi entregue ao vídeo ***Geraldo José – O Som sem Barreira***, de Severino Dada.

Os outros filmes premiados:

- Tatu de Ouro de melhor filme documental para ***Rua da Escadinha 162***, de Marcio Câmara (CE).
- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção para ***O Resto é Silêncio***, de Paulo Halm (RJ).
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação ou experimental para ***A Pesar de Todo***, de Walter Tournier.
- Tatu de Prata de melhor direção para o peruano Juan Alejandro Ramirez no filme ***Solo um Cargador***.
- Tatu de Prata de melhor som para Leonardo Croata e Carlos da Silveira no filme uruguaio ***A Pesar de Todo***, de Walter Tournier.
- Tatu de Prata de melhor fotografia para Heloísa Passos no filme ***Visionários***, de Fernando Severo (PR).
- Tatu de Prata de melhor montagem para Zé Rocha no filme ***Todo Dia na Rua***, de Maria de Fátima Augusto (MG).
- Tatu de Prata de melhor atriz para Antonieta Noronha no filme ***Tempo de Ira***, de Gisella de Mello (RJ).
- Tatu de Prata de melhor ator para Valdo Ribeiro da Nóbrega no filme ***O Resto é Silêncio***, de Paulo Halm (RJ).
- Tatu de Prata de melhor roteiro para Elisa Maria Cabral e Flavio Tavares no filme ***Caçador de Miragens: Flávio Tavares*** (PB).

- Tatu de Prata de melhor música para Ermínio Dias no filme **Açaí com Jabá**, de Alan Rodrigues, Marcos Daibes e Walério Duarte (PA).
- Tatu de Prata de revelação para o filme **O Sumiço do Amigo Invisível**, de Paola Barreto Leblanc (RJ).
- Troféu Jangada para **O Resto é Silêncio**, de Paulo Halm (RJ).
- Prêmio Quanta (melhor produção baiana) e Prêmio Aruanda de Cinema Documentário para **Hansen Bahia**, de Joel Almeida.
- Menção Honrosa do Júri “por contribuir com a busca da memória cultural brasileira” e da Organização Católica Internacional de Cinema para **Visionários**, de Fernando Severo (PR).

Os premiados na categoria vídeo:

- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental para **El Son Te Salio Redondo**, do cubano Senobio Faget.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **ABCD**, do argentino Frederico Serafim.
- Tatu de Ouro de melhor vídeo experimental para **ABRY**, de Joel Pizzini (SP).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de animação para **Relacionamentos**, de Gordeef (RJ).
- Menção Honrosa para **Na Cama com King**, de Paola Prestes SP); para **Nhô Caboclo e o Elo Perdido**, de Hermano Penna (SP) e para **Recife/Sevilha – João Cabral de Melo Neto**, de Beбето Abrantes (RJ).
- Prêmio Especial do Júri para **No Olho do Furacão**, de Renato Tapajós e Toni Venturi (SP).

#### XXXI Jornada Internacional de Cinema 2004

O destaque dessa edição da Jornada foram os 40 anos de unificação da luta pela independência do colonialismo português nos

países africanos Moçambique, Angola, Guiné Bissau e São Thomé e Príncipe. Foram exibidos vários programas com a finalidade de expor a recente cinematografia desses países. Além das obras exibidas, se destacaram o Seminário Afro – Luso – Brasileiro e a exposição ‘O Cinema Africano através dos Cartazes’, com mais de cem pôsteres exibidos sob a direção artística de Annamaria Gallone, representante do Festival do Cinema Africano de Milão.

Moçambique, por ser o país com um cinema mais estruturado, teve destaque na programação da Jornada com a Mostra do Cinema Moçambicano que reúne 12 filmes rodados entre 1999 e 2004, entre eles ***História de Um Mineiro***, de Gabriel Mondlane e ***A Bola***, de Orlando Mesquita, os primeiros filmes do país a participarem do festival de Cannes e que integraram o projeto Steps for the Future, que envolveu cineastas de sete países e produziu filmes sobre a AIDS.

A Sessão Memória apresentou dois filmes marcantes de Moçambique. ***Mueda – Memória e Massacre***, de Ruy Guerra, sobre o massacre de 600 pessoas na cidade de Mueda, ocorrido no período colonial e ***Karingana***, de Mario Borgoneth, uma homenagem ao escritor José Caveirinha considerado um dos mais importantes do país. A Mostra Chico Carneiro apresentou as obras mais importantes do cineasta paranaense radicado em Moçambique.

Foram três os homenageados na trigésima primeira edição da Jornada. Amílcar Cabral, poeta e engenheiro, nascido na Guiné Bissau e um dos mais importantes ativistas africanos na luta contra o colonialismo português e articulador da União dos Povos da Guiné e Cabo Verde assassinado em 1973 pela polícia secreta do país. Outro homenageado foi Ítalo Zappa, o embaixador brasileiro morto em 1997 e um dos principais responsáveis pela aproximação do Brasil com a África negra e por ter conseguido que o Itamaraty reconhecesse a independência de Moçambique e Angola (o Brasil foi a primeira nação a reconhecer a independência dos dois países).

O terceiro homenageado dessa Jornada foi Thomaz Farkas, 80 anos, húngaro radicado no Brasil, tornou-se um dos principais

produtores independentes do cinema nacional e é também reconhecido como grande fotógrafo. Farkas é um grande colaborador da Jornada, sua trajetória foi exibida no filme **Thomaz Farkas**, de Walter Lima Junior, no curta **Feira da Banana**, dirigido por Guido Araújo e produzido por Farkas e **Paraíso Juarez**, onde Farkas descreve o trabalho do artista plástico baiano Juarez Paraíso.

Na parte de debates o mais importante foi o que tratou da Agência Nacional do Cinema e Audiovisual (ANCINAV), órgão então recém criado para regular as atividades do cinema e audiovisual.

Trinta e quatro filmes e 47 vídeos de vários estados brasileiros e de alguns países disputam os prêmios oferecidos no festival. Foram 15 trabalhos na categoria ficção, nove documentários, cinco animações e três experimentais. No concurso de vídeo a grande maioria era de documentários, 32 no total, comprovando o peso que o gênero vem tendo dentro do cinema atual.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com **A Moça que Dançou depois de Morta**, de Ítalo Cajueiro (DF). O Prêmio Walter da Silveira de melhor vídeo foi para **Retrato da Terra**, de Joel Pizzini e Paloma Rocha (SP). O Prêmio BNB para o melhor longa metragem da Jornada ficou com o filme **Os Arturos**, de Thereza Jessouroun (RJ) e para o melhor curta foi para **O Violinista do Danúbio**, de Caó Cruz Alves (BA).

Os outros filmes premiados:

- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção para **Dois em Um**, de Luís Carlos Soares (SP).
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação para **A Moça que Dançou depois de Morta**, de Ítalo Cajueiro (DF).
- Tatu de Ouro para melhor documentário de longa metragem para **Os Arturos**, de Thereza Jessouroun (RJ).
- Tatu de Prata de melhor direção para Fabiano de Souza no filme **Cinco Naipes** (RS).

- Tatu de Prata de melhor roteiro para Byron O'Neill pelo filme **Curta Metragem Metalingüístico ou Aceita mais Café?** (MG).
- Tatu de Prata de melhor fotografia para André Luís da Cunha no filme **Cinco Naipes**, de Fabiano de Souza (RS).
- Tatu de Prata de melhor montagem para Milton Prado no filme **Cinco Naipes**, de Fabiano de Souza (RS).
- Tatu de Prata de melhor som para Humberto Avelar no filme **O Curupira**, de Humberto Avelar e 8 crianças (RJ).
- Tatu de Prata de melhor música para Lito Pereira no filme **A Moça que Dançou depois de Morta**, de Ítalo Cajueiro (DF).
- Prêmio Especial do Júri **Mensageiras da Luz – Parteiras da Amazônia**, de Evaldo Moscarzel (SP).

Os prêmios de melhor ator e atriz não foram atribuídos pelo Júri da Jornada.

Os premiados na categoria vídeo:

- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental para **Retrato da Terra**, de Joel Pizzini e Paloma Rocha (SP).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **A Porta**, de Roger Bunt (RS).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de animação para **Desirella**, de Carlos Eduardo Nogueira (SP).
- Melhor Vídeo não ibero americano sobre a América Latina para **Girl Beat – Power off the drum**, de Suzanne Girot (EUA).
- Tatu de Prata de revelação para **A Insuportável Comedora de Chocolates**, de Heraldo Cavalcanti (CE).
- Menção Honrosa para **Rastas**, de Neni Glock e André Bessa, de Portugal.
- Prêmio Especial do Júri para **O Violinista do Danúbio**, de Caó Cruz Alvez (BA).
- Troféu Jangada para o melhor vídeo ficou com **Gira Mundo – Teatro de Bonecos**, de Carla Gallo e César Cabral (SP). E o

troféu na categoria filme foi para **Os Arturos**, de Thereza Jessouroun (RJ).

### XXXII Jornada Internacional de Cinema da Bahia 2005

O tema central da trigésima segunda edição da Jornada foram as produções representativas dos povos indígenas da América do Sul. Através de mostras, exposições e simpósios os debates giraram em torno das contribuições das várias etnias no processo evolutivo do continente e as dificuldades por que estes povos têm passado.

A principal mostra desta edição da Jornada, 'Povos Indígenas da América Latina' aconteceu no Cinema do Museu e no ICBA e apresentou 13 filmes do Brasil e de alguns países latinos, numa panorâmica da representação cinematográfica da realidade indígena.

Também a nova produção cinematográfica baiana esteve em evidência nesta edição da Jornada. Foi exibido na sala Walter da Silveira um panorama atual do longa metragem baiano com a exibição de **Três Histórias da Bahia**, de José Araripe Jr, Edyala Yglesias e Sérgio Machado e de **Esses Moços**, de José Araripe Jr.

Além da homenagem aos povos indígenas, três mostras importantes fizeram parte da programação da Jornada. A primeira intitulada 'Música e Transe – Uma Homenagem a Pierre Verger e Jean Rouch' aconteceu durante a já tradicional pré-Jornada, de 25 a 28 de agosto, no Teatro do Irdeb. No programa, exposições fotográficas dos homenageados, apresentação de filmes raros como **Bahia de Todos os Santos** e **Festas na Bahia**, ambos de Roger Moride, de 1951 e 1953 respectivamente; **Iniciação a Dança dos Incorporados**, de Jean Rouch, de 1948; **Brasileiros na África, Africanos no Brasil 1ª e 2ª partes**, de Yannick Bello e Pierre Verger, de 1975; **Tambores do Passado**, de Jean Rouch, de 1971. Após a exibição dos filmes houve

debates com Marguerite de Bourgoing e Angela Luhnin, especialistas no tema.

A segunda importante mostra foi 'Revelando Brasis' no encerramento do evento e que contou com a presença do ministro da Cultura, Gilberto Gil. Revelando os Brasis é um projeto de formação audiovisual que viabilizou a realização de 40 vídeos digitais em 40 municípios com até 20 mil habitantes em todo o País. As histórias foram selecionadas após um processo de inscrição destinado exclusivamente a moradores dessas cidades. A Bahia foi um dos Estados com o maior número de histórias selecionadas - a Paraíba emplacou cinco histórias; Espírito Santo e Bahia vêm em segundo lugar, com quatro textos; os demais Estados têm entre uma e três histórias selecionadas.

A terceira importante mostra da 32ª Jornada foi 'Uma Janela Aberta para o Mundo'. Cinco programas constaram dessa mostra. O **Cine Jornada**, um documentário de Octávio Bezerra Cavalcante, narrado por Nelson Pereira dos Santos que traz histórias, filmes, debates e momentos importantes deste tradicional festival que acontece desde 1972.

Mais quatro filmes foram exibidos dentro da mostra 'Uma Janela Aberta para o Mundo'. **Chechenia**, do italiano Leonardo Giuliano, filme que mescla ficção e documentário para retratar os horrores da guerra na Chechênia. O terceiro filme exibido foi **Chevocachai**, documentário da argentina Laura Bondaresky de 1976 que conta a história das ditaduras latino americanas através da visão dos filhos de desaparecidos Chile, Uruguai e Argentina.

Outro filme exibido dentro do programa Uma Janela Aberta para o Mundo foi **Madame Brouette**, uma ficção do senegalês Moussa Sene Absa que conta a dura sobrevivência de Brouette na cidade senegalesa de Sandejo. O último filme da mostra foi **El Otro Lado...Un Acercamiento en Lavapiés**, documentário do espanhol Basel Ramsis, o filme trata da difícil convivência diária entre chineses, latino-americanos, árabes, hindus, africanos e espanhóis em um dos bairros

mais difíceis e ao mesmo tempo mais fascinantes de Madrid. A exibição desse filme foi mais que oportuna devido aos recentes acontecimentos terroristas de 11 de março na capital espanhola.

Também na programação o lançamento do livro fotográfico *O Cinema Brasileiro em Cartaz*. O livro reúne cartazes de cinema criados por Fernando Pimenta. Ao lado do lançamento, uma exposição de 40 cartazes, muitos deles presentes no livro de Pimenta.

Na parte dos debates o mais importante foi o Seminário 'A problemática indigenista' e 'O audiovisual como instrumento de afirmação dos povos indígenas da América do Sul' que teve participação Ailton Krenak, uma das mais importantes lideranças indígenas do país, Krenak falou sobre a experiência audiovisual nas tribos brasileiras. O seminário contou também com as presenças dos cineastas brasileiros Vincent Carelli e Noilton Nunes e do peruano Fernando Valdivia.

## **PRÊMIOS**

O Prêmio Glauber Rocha para o melhor filme da Jornada ficou com ***Em Trânsito***, do paulista Henri Arraes Gervaiseu. O Walter da Silveira para o melhor vídeo foi para a produção colombiana ***Fidelidad***, de Juan Zapata. O Prêmio BNB para o melhor curta em vídeo do Nordeste ficou com ***Uma Jangada Chamada Bruna***, de Petrus Cariry (CE) e de melhor longa-metragem foi para ***A Cidade das Mulheres***, de Lázaro Faria (BA).

Os outros filmes premiados:

- Tatu de Ouro de melhor filme documental para ***Em Trânsito***, do paulista Henri Arraes Gervaiseu.
- Tatu de Ouro de melhor filme de ficção para ***Pobres Diabos no Paraíso***, de Fernando Coimbra (SP).
- Tatu de Ouro de melhor filme de animação para ***Nave Mãe***, de Otto Guerra e Fábio Zimbres (RS).
- Tatu de Ouro de melhor documentário de longa metragem para ***A Cidade das Mulheres***, de Lázaro Faria (BA).

- Tatu de Prata de melhor direção para Joana Nin no filme **Visita Íntima** (PR).
- Tatu de Prata de melhor fotografia para Roberto Iuri no filme **Canoa Veloz**, de Tibico Brasil e Joe Pimentel (CE).
- Tatu de Prata de melhor roteiro para Daniel Ruiz e Rodrigo Rodero na produção espanhola **Chatarra**, de Rodrigo Roderro.
- Tatu de Prata de melhor som para Chico Bororo no filme **O Som, As Mãos e o Tempo**, de Marcos de Souza Mendes (DF).
- Tatu de Prata de melhor montagem para Sérgio Sanz no filme **Soldado de Deus**, de Sérgio Sanz (RJ).
- Tatu de Prata de melhor música para Rodger de Rogério no filme **A Sentença do Pau Brasil**, de Francis Vale (CE).
- Tatu de Prata de melhor ator para Ricardo Blat no filme **Rubi**, de Fábi Novello (RJ).
- Tatu de Prata de melhor atriz ex-aequo para Myrian Pires (In Memoriam) e Zezeh Barbosa no filme **O Xadrez das Cores**, de Marcos Schiavon (RJ).
- Troféu Jangada para **Em Trânsito**, de Henri Arraes Gervaiseu (SP) e **Visita Íntima**, de Joana Nin (PR).
- Prêmio Quanta para **Ilha do Rato**, de Bernado Attal e Joselito Crispim (BA) e para **Canoa Veloz**, de Tibico Brasil e Joe Pimentel (CE).

Os premiados no concurso de vídeo:

- Tatu de Ouro de melhor vídeo documental para **Kiarãsã Yô Sâty (O Amendoim da Cutia)**, de Komoí e Patui Panará (PE).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de animação **Concerto Nº1 para Celular e Orquestra**, de Fausto Júnior (BA).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo experimental para **A Man, A Road, a River**, de Marcellvs L (MG).
- Tatu de Ouro de melhor vídeo de ficção para **Lorena**, de Chico Carneiro, de Moçambique.

- Tatu de Prata de revelação para ***Lima!Wás!***, do peruano Alejandro Ross.
- Prêmio Especial do Júri para ***Memória e História – Utopia e Barbárie***, de Silvio Tendler (RJ).
- Troféu Unesco / Prêmio Aquisição para ***Nguné Elu ( O Dia em que a Lua Menstruou)***, de Tacumã e Marica Kuí Kuro (PE).
- Menção Honrosa para a produção moçambicana ***Acampamento de Desminagem***, de Licínio Azevedo.
- Prêmio Especial do Júri para ***A Fé de Cada Um***, da portuguesa Neni Glock.

#### **4. OBSERVAÇÕES FINAIS**

Nascida como um pequeno festival de curta metragem em 1972, a Jornada Internacional de Cinema da Bahia persiste nos dias de hoje como um evento que promove o cinema cultural e independente, mesmo lema que o originou há quase 33 anos atrás.

Os primeiros anos marcaram indelevelmente o festival. Surgida em uma época onde os direitos humanos estavam sendo duramente afrontados, a Jornada tomou para si as dores dos brasileiros e adotou como lema a busca por um cinema humanista. E este foi o ponto alto deste evento – a independência e a luta pelo cinema.

A Jornada viveu seus anos de glória durante os anos setenta, os anos de chumbo da ditadura militar. Firmou-se como um festival de resistência e luta. Luta pelo cinema, pelos direitos humanos, pela cultura nacional. De 1972, ano de seu nascimento, até os primeiros anos da década de oitenta; a Jornada estimulou discussões acerca do cinema nacional, revelou uma geração de cineastas baianos e ofereceu a um público atento e fiel uma filmografia que dificilmente seria vista em outros locais.

Era um evento único por conseguir reunir grandes nomes do cinema mundial, abrir espaço para discussões em torno de questões

como o financiamento e a distribuição de filmes no Brasil e ao mesmo tempo revelar novos talentos.

A Jornada dos anos setenta, no entanto, ficou congelada, suspensa no ar, o que veio a seguir foi o gradual distanciamento do público e a dificuldade em manter o mesmo nível de interesse de público e mídia pelo festival, um reflexo tanto da crise do cinema nacional no final dos anos oitenta, quanto da inadequação do evento diante das novas mudanças.

Por falta de recursos, um problema recorrente desde a sua criação, ficou dois anos sem acontecer. Com a retomada do cinema nacional em 1995, com o filme ***Carlota Joaquina***, de Carla Camuratti, o evento ganhou um fôlego extra e prossegue até os dias de hoje sob a direção de seu criador e sua alma, Guido Araújo.

### **Méritos**

A importância da Jornada poderia ser resumida em sua antiguidade mas não fica limitada à sua persistência em resistir aos anos, às mudanças políticas, às crises financeiras. A Jornada revelou, em seus primórdios, uma geração de talentos como Edgard Navarro, Fernando Bélens, Póla Ribeiro, Joel de Almeida, José Araripe Jr. Foi na Jornada que foi criada a primeira entidade de documentaristas do país, a Associação Brasileira de Documentaristas, ABD, e foi também a Jornada dos anos setenta que abriu espaço de discussão dos rumos do cinema nacional. Passados os anos de efervescência, a Jornada permaneceu como um evento onde os debates são uma prioridade.

Já no final da década de oitenta, com a crise no cinema nacional, a Jornada estreitou os laços com a cinematografia latino americana e logo depois com a África de língua portuguesa. Também iniciou intercâmbios com festivais como o de Obenhausen, Lille, Bilbao, Anecy. Trouxe para a Bahia grandes figuras do cinema mundial como os argentinos Fernando Birri e Fernando Solanas, o cubano Santiago Alvarez e o mexicano Paul Leduc.

## **Mudanças**

Em uma época de culto às celebridades, que, em geral, tornam-se o grande atrativo de um evento, a Jornada segue na contramão. Já em 1972, ano de sua criação, Guido Araújo proclamava que a Jornada seria palco de discussões acerca do cinema, não um evento de noitadas e desfile de belos corpos bronzeados.

Para o bem ou para o mal, a Jornada segue fiel aos seus ideais. O lado ruim foi a gradual diminuição do público. Numa sociedade midiática como a atual, a Jornada aparenta um descompasso em relação a festivais similares, como por exemplo, o de Recife que chega a reunir 3 mil pessoas no Cine Guararapes. São apontados alguns fatores para a diminuição do público, um deles é o estilo centralizador de Guido Araújo na organização do festival.

No entanto a discussão acerca do modelo da Jornada se esvazia quando nos concentramos em seus méritos, em sua importância para a história do cinema baiano e brasileiro durante os anos de ditadura militar e na beleza da luta de Guido Araújo pela continuidade do festival apesar de tantas e tamanhas adversidades.

A originalidade do festival, nos dias de hoje, está em seu formato e temática singular. Seja ressaltando a cinematografia da América Latina, seja homenageando o jovem cinema da África de língua portuguesa, os povos indígenas ou pregando a preservação da memória do cinema nacional, a Jornada escolheu ser um festival independente e fiel aos seus ideais de resistência e afirmação de uma de um cinema distante do *mainstream*.

**APÊNDICE A – Grandes nomes do cinema que participaram da Jornada:**

- **Fernando Birri** – cineasta argentino, fundador da Escuela de Cine de San Antonio de los Baños e da escola de documentaristas de Santa Fé, na Argentina e autor da obra prima *Tire Die*, um dos primeiros documentários de cunho social do continente latino americano.
- **Fernando Solanas** – cineasta argentino mais reverenciado de todos os tempos, autor do documentário *La hora de los hornos* (1968), proibido na Argentina até 1973 por ser considerado um documento político. Na mesma linha seguem seus filmes posteriores como *Tangos, el exílio de Gardel* (1985), sobre os exilados políticos argentinos na Europa.
- **Santiago Alvarez** – documentarista cubano, tido como um dos mais brilhantes e inovadores documentaristas, autor de obras como *79 primaveras* (1969), *De America soy hijo...e a ella me debo* (1972), *Y el cielo fue tomado por asalto* (1973).
- **Paul Leduc** – cineasta mexicano autor de *Frida, Natureza Viva*.
- **Arne Suckdorff** – documentarista sueco autor de diversos documentários sobre o pantanal mato grossense.
- **Michel Regnier** – cineasta e ilustrador canadense. Autor de *Les Silences de Bolama, L’or de Poronga e Açúcar Negro*.
- **Jean Rouch** – cineasta pioneiro, considerado um dos mestres do documentarismo, seus documentários sobre a África popularizaram o conceito de “cinema verdade”.
- **Patricio Guzman** – renomado documentarista chileno, autor de obras como *Salvador Allende, Madrid, El Caso Pinochet*.
- **Les Blank** – cineasta norte-americano que retratou Herzog filmando Fitzcarraldo no inquietante *Burden of Dreams*.
- **Lionel Rogosin** – cineasta norte americano, autor de documentários de cunho político social. Indicado ao Oscar pelo documentário *On the Bowery*, de 1955. Quando faleceu em 1990

estava trabalhando em um documentário sobre as lutas anti-apartheid na África do Sul.

- **Jorge Sanjines** – documentarista boliviano, dono de uma obra engajada politicamente e que se destaca pela beleza de suas imagens. Autor de filmes como *Ukamau* (1966) e *La Nacion Clandestina* (1989).
- **Mika Kaurismaki** – cineasta finlandês autor de *Moro no Brasil* e do documentário *Brasileirinho*.
- **Denoy de Oliveira** – ator e diretor paraense, autor de filmes como *A Grande Noitada* e *Marcelo Zona Sul*.
- **Eduardo Scorel** – diretor de filmes como *Lição de Amor*, *Ato de Violência* e *O Cavalinho Azul*. Scorel é também considerado o mais importante montador do Cinema Novo tendo trabalhado com Joaquim Pedro de Andrade (*Macunaíma* e *O Padre e a Moça*), Cacá Diegues (*Joana Francesa* e *Quando o Carnaval Chegar*) e com Glauber Rocha, trabalhou aos 21 anos, em *Terra em Transe* e em mais 3 filmes do baiano.
- **Licínio Azevedo** – brasileiro radicado em Moçambique, autor de filmes como *A Árvore dos Antepassados*, *Adeus RDA* e *Tchuma Tchato*.
- **Vito Diniz** – fotógrafo e cineasta, Diniz além de dirigir filmes, como *Gran Circo Internacional* e *Pelourinho*, fotografou a maioria das produções realizadas na Bahia desde a segunda metade dos anos 60 até o fim dos anos 90. Seu último trabalho foi *A Morte dos Saveiros*, concluído por seu filho Chico Diniz, pois Vito faleceu no período da realização.
- **Paulo Emilio Salles Gomes** – um dos mais renomados intelectuais do país, Salles Gomes é também considerado um dos maiores críticos de cinema que o Brasil já teve. Fundou junto com Antonio Candido e Almeida Salles a Cinemateca Brasileira. Salles Gomes foi um dos intelectuais que mais lutaram pela valorização do cinema nacional. Falecido em 1977 deixou uma importante

obra sobre cinema brasileiro, livros tais como *Cinema: Trajetória no Subdesenvolvimento*.

- **Jean Claude Bernardet** – Francês radicado em São Paulo, crítico de cinema, escritor e professor do curso de Cinema e Vídeo da Escola de Comunicação da USP. Autor de ensaios sobre cinema como *Brasil em Tempo de Cinema*, *Cinema: o Nacional e o Popular*, *O que é cinema*, entre outros.
- **José Carlos Avelar** – é crítico de cinema, co-autor de trabalhos sobre o cinema brasileiro e latino-americano, teve vários ensaios publicados em catálogos de festivais como o de Manheim, Locarno e Valladolid. Autor de quatro livros, entre eles *O chão da palavra: cinema e literatura no Brasil* (1994) e *A ponte clandestina* (1995). Atualmente é secretário para a América Latina de Associação Internacional de Críticos de Cinema (Fipresci).
- **Alex Vianny** – crítico de cinema e autor de filmes ligados ao Cinema Novo como *A Noiva da Cidade* e *Sol sobre a Lama*.
- **Nelson Pereira dos Santos** – um dos mais importantes cineastas brasileiros. Precursor do movimento Cinema Novo, fez mais de 20 filmes como *Rio 40 graus*, *O Amuleto de Ogum*, *Vidas Secas*. Recentemente tornou-se imortal ao ganhar um assento na Academia Brasileira de Letras.
- **Joaquim Pedro de Andrade** – cineasta, também ligado ao Cinema Novo, autor do lendário filme *Macunaíma*.
- **Olney São Paulo** – cineasta baiano ligado ao Cinema Novo, autor de filmes como *Manhã Cinzenta* (1969) e *Grito da Terra* (1964) foi perseguido pela ditadura militar e faleceu em 1978. Também atuou como escritor e ator.
- **Thomaz Farkas** – húngaro radicado em São Paulo, atua como fotógrafo, documentarista, produtor cinematográfico, fotógrafo de cinema. Reconhecido como um dos mais importantes fotógrafos brasileiros e produtor de obras como *Viramundo* e *Memórias do Cangaço*.

- **Vladimir Carvalho** – cineasta e professor paraibano, participou como editor do memorável documentário ***Aruanda***, autor de filmes como ***O País de São Saruê***, ***Homem de Areia*** e ***O Evangelho Segundo Teutônio***.
- **Eduardo Coutinho** – um dos mais importantes nomes do documentário brasileiro. Em sua obra contam filmes como ***Santo Forte***, ***Babilônia 2000***, ***Cabra Marcado para Morrer***, ***Edifício Máster***.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Mirian. *O Cinema em festivais e o caminho do curta-metragem no Brasil*. Rio de Janeiro: Embrafilme/ Artenova, 1978.

CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: Editora da Ufba, 1999.

\_\_\_\_\_. *A nova onda baiana: cinema na Bahia 1956/1952*. Salvador: Editora da Ufba, 2003.

CAETANO, M<sup>a</sup> do Rosário. *Jornada da Bahia comemora 25 anos*. Jornal de Brasília, Brasília, 11/09/1998.

DRUMMOND, Chico. *Nada acontece quando não acontece nada*. Jornal A Tarde, Salvador, 12/09/1998.

JOHNSON, Randal. *Ascensão e queda do cinema brasileiro, 1960-1990*. Revista da USP, São Paulo, set/nov 1993.

LUBISCO, Nidia M.; VIEIRA, Sônia Chagas. *Manual de Estilo Acadêmico – Monografias, Dissertações e Teses*. Salvador: EDUFBA, 2003.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. 3. reimpressão da 5. ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2001.

RAMOS, José Mário Ortiz. *Cinema, Estado e Lutas Culturais: anos 50,60,70*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Cinema Brasileiro: Depois do Vendaval*. (S.I.), (s.n.), 29/09/1998.

REVISTA CINEMIN. (S.I.): Ebal, n°18, 1981.

SAMPAIO, João. *Faltou brilho no encerramento*. Jornal Bahia Hoje, Salvador, 17/09/1994.

SETARO, André. *Jornadas Baianas Primórdio e Ascendência*. Disponível em [www.brazilianfilmfestival.com/tributo\\_bahia](http://www.brazilianfilmfestival.com/tributo_bahia). 2003

SOARES, Vitor Hugo. *Um quartel de luta sem quartel*. Jornal A Tarde, Salvador, 12/09/1998.

TAVARES, Bráulio. *O curta-metragem brasileiro e as Jornadas de Salvador*. Salvador (s.n.), 1978.

Sites consultados:

<http://jornadabahia.cjb.net/>

[www.kinoforum.org/guia](http://www.kinoforum.org/guia)

[www.adorocinemabrasileiro.com.br](http://www.adorocinemabrasileiro.com.br)

<http://reposcom.portcom.inertcom.org.br>

[www.macvirtual.usp.br](http://www.macvirtual.usp.br)

[www.mnemocine.com.br](http://www.mnemocine.com.br)

Acervo da Jornada Internacional de Cinema da Bahia:

- Boletins Informativos, de 1972 a 1988 e 1990 a 2004.
- Jornal da Jornada, de 1980 a 1988 e 1990 a 2004.
- Publicação comemorativa dos 25 anos da Jornada.
- Publicação comemorativa dos 30 anos da Jornada.